

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

BÁRBARA GOMES CITELI

**A REGÊNCIA VARIÁVEL DO VERBO DE MOVIMENTO *IR* NA CIDADE DE
VITÓRIA-ES**

VITÓRIA

2017

Bárbara Gomes Citeli

**A REGÊNCIA VARIÁVEL DO VERBO DE MOVIMENTO *IR* NA CIDADE DE
VITÓRIA-ES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Leila Maria Tesch

VITÓRIA

2017

AGRADECIMENTOS

A minha sincera e profunda gratidão

A Deus, em primeiro lugar, por ser tão presente na minha vida concedendo-me inúmeras bênçãos, por ter me dado força e capacidade para que este trabalho se tornasse possível.

Ao meu amor Walter Gomes da Silva Filho, verdadeiro responsável pelo meu ingresso no mestrado em Linguística da UFES, obrigada por ter caminhado ao meu lado e por me compreender enquanto eu sacrificava os dias, as noites e os feriados em prol da realização deste sonho.

À minha família, em especial minha mãe Maria Helena Gomes Citeli, por ter me ensinado, da maneira mais pura, que estudar é uma forma de vencer.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Leila Maria Tesch que, dedicadamente, orientou meus passos nesses últimos três anos. Obrigada por toda confiança, pelas lições teóricas e de vida, pela orientação cuidadosa e pela amizade sincera que nasceu dessa parceria. A você, Leila, só tenho a dizer muito obrigada por tudo.

Aos meus amigos Beatriz Dona Peterle, Jares Gomes Lima e Viviany de Paula Gambarini, pela parceria nessa caminhada tão cansativa. É incrível pensar que no meio de tantos problemas e tanta vaidade que vemos dentro da universidade eu tenha encontrado vocês. Obrigada pelos momentos de descontração tão necessários, pelas reflexões, pelas risadas quando tudo parecia perdido, pela ajuda teórica e, principalmente, por tornarem tudo mais leve. Não tenho dúvidas de que Deus me presenteou com a amizade de vocês.

À Prof.^a Dr.^a Lilian Coutinho Yacovenco e à Prof.^a Dr.^a Maria Marta Pereira Scherre, que muito contribuíram para o aperfeiçoamento deste estudo através de comentários e sugestões durante a minha caminhada no mestrado e no exame de qualificação.

Às minhas amigas mais próximas que entenderam meu afastamento e que souberam compreender muito bem este meu momento.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL), da Universidade Federal do Espírito Santo que, à sua maneira, ajudou na realização e concretização deste ideal.

A todos que, de alguma maneira, fizeram parte desta caminhada mas, pelas circunstâncias não foram citados como mereciam, mas que tornaram possível a realização da presente dissertação.

RESUMO

Baseando-se nas abordagens teóricas propostas pela Sociolinguística Variacionista, este estudo consiste na análise da variação entre as preposições regentes do verbo *ir* com sentido de movimento *a*, *para* e *em*, presentes na fala de moradores da cidade de Vitória, localizada no estado do Espírito Santo. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram analisadas quarenta e seis entrevistas que compõem a amostra PortVix “O português falado na cidade de Vitória”. Inicialmente consideramos as hipóteses de que este fenômeno não ocorre de maneira aleatória e que a preposição *em*, forma considerada não-padrão pelas gramáticas normativas, ocorre com maior frequência nos dados de fala, visto que esta preposição está sendo usada cada vez mais pelos falantes da língua portuguesa. Diante destas questões, procuramos investigar quais fatores linguísticos e extralinguísticos contribuem para que essa variação ocorra, analisando estatisticamente os dados através do programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e posteriormente comparando os resultados obtidos com os de pesquisas realizadas sobre o mesmo fenômeno com diferentes amostras do Português Brasileiro. Os resultados mostraram que a preposição *para* é a mais utilizada como regente do verbo de movimento *ir* pelos informantes da comunidade de fala capixaba, seguida das preposições *em* e *a*. Além disso, constatamos que as variáveis linguísticas Grau de Definitude, Configuração do Espaço e Narratividade do Discurso e as variáveis sociais Faixa etária e Escolaridade se mostraram significantes em relação à regência variável do verbo de movimento *ir*, visto que foram selecionadas como estatisticamente relevantes para o fenômeno analisado. Cabe salientar que o presente estudo colabora para as discussões sobre o fenômeno de variação na regência do verbo de movimento *ir*, pois lança novas discussões sobre tal fenômeno e compara sua atuação em diferentes partes do Brasil.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista, Regência do verbo *ir*, Fala capixaba.

ABSTRACT

Based on the theoretical approaches proposed by Variationist Sociolinguistics, this study consists of the analysis of the variation among the regent prepositions of the verb “ir” with the meaning of movement “*a, para e em*”, which are present in the talk of residents of the city of Vitoria, located in the state of Espírito Santo. For the development of this research, forty-six interviews were analyzed that make up the sample PortVix “Portuguese spoken in the city of Vitoria”. Initially we consider the hypothesis that this phenomenon does not occur in a random way and that the preposition “*em*”, considered a non-standard form by normative grammars occurs more frequently in the speech data, since this preposition is being more and more used by the speakers of Portuguese language. Due to this, we try to investigate which linguistic and extralinguistic factors contribute to this variation, by statistically analyzing the data through the GoldVarb X computer program (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) and later we compare the results obtained with the research carried out on the same phenomenon with different samples of Brazilian Portuguese. The results showed that the preposition “*para*” is the most used as the main regent of the verb of movement “ir” by the informants of the Speech Capixaba community, followed by the prepositions “*em*” and “*a*”. In addition to this, we found out that the linguistic variables Degree of Definiteness, Spatial Configuration and Speech Narrativity and social variables Age Range and Schooling were significant in relation to the variable regency of the movement verb “ir”, since they were selected as statistically relevant for the Phenomenon analyzed. It should also be noted that the present study contributes to the discussions about the phenomenon of variation in the regency of the verb of movement “ir”, because it launches new discussions about this phenomenon and compares its performance in different parts of Brazil.

Key words: Variationist Sociolinguistic, Regency of the verb “ir”, Capixaba Talk.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	21
2	OBJETO DE ESTUDO	25
2.1	A REGÊNCIA	25
2.2	A REGÊNCIA DO VERBO DE MOVIMENTO <i>IR</i>	25
2.2.1	AS PREPOSIÇÕES <i>A</i> , <i>PARA</i> E <i>EM</i>	25
2.2.2	A PREPOSIÇÃO <i>ATÉ</i> INDICANDO LIMITE.....	26
2.3	A NOÇÃO DE COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL	27
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	29
3.1	SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	29
3.2	A ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA EM NÍVEIS GRAMATICAIS: A POLÊMICA ENVOLVENDO LABOV E LAVANDERA	34
4	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	37
4.1	QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS.....	37
4.2	QUE MOSTRAM AS PESQUISAS SOCIOLINGUÍSTICAS SOBRE A REGÊNCIA DO VERBO DE MOVIMENTO <i>IR</i>	41
4.2.1	MOLLICA (1996)	41
4.2.2	RIBEIRO (1996).....	45
4.2.3	VALLO (2003)	49
	Narratividade do Discurso	51
4.2.4	WIEDEMER (2008).....	52
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	56
5.1	AMOSTRA	56
5.1.1	A CIDADE DE VITÓRIA/ES	56
5.1.2	AMOSTRA PORTVIX.....	58
5.2.1	VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	60
5.2.2	VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS.....	67
5.3	GOLDVARB X	68
6	ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS.....	69
6.1	ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS	71
6.1.1	O caso da variável linguística “ <i>Permanência</i> ”.....	71
6.2	RESULTADOS DA RODADA DAS PREPOSIÇÕES <i>EM</i> versus <i>PARA</i>	73
6.2.1	VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....	73
6.2.2	VARIÁVEIS SOCIAIS	79
6.2.3	CRUZAMENTO ENTRE AS VARIÁVEIS SOCIAIS FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIDADE	83
6.3	RESULTADOS DA RODADA DAS PREPOSIÇÕES <i>EM</i> versus <i>A/PARA</i>	84

6.3.1 VARIÁVEIS SOCIAIS SELECIONADAS	85
6.3.2 CRUZAMENTO ENTRE AS VARIÁVEIS SOCIAIS FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIDADE	88
6.3.3 CRUZAMENTO ENTRE AS VARIÁVEIS SOCIAIS SEXO/GÊNERO E ESCOLARIDADE	89
7 COMPARAÇÃO ENTRE OS RESULTADOS ENCONTRADOS SOBRE A VARIAÇÃO NA REGÊNCIA DO VERBO DE MOVIMENTO IR EM DIFERENTES ESTUDOS	91
7.1 FREQUÊNCIA DE USO DAS PREPOSIÇÕES REGENTES DO VERBO DE MOVIMENTO <i>IR</i> NAS DIFERENTES AMOSTRAS.....	91
7.2 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA PREPOSIÇÃO <i>EM</i> COMO REGENTE DO VERBO <i>IR</i> NAS DIFERENTES AMOSTRAS.....	93
7.3 COMPARAÇÃO GERAL ENTRE OS RESULTADOS RELEVANTES PARA O FENÔMENO INVESTIGADO	95
7.3.1 Grau de Definitude.....	95
7.3.2 Configuração do Espaço	96
7.3.3 Faixa Etária.....	98
7.3.4 Escolaridade	99
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Configuração do espaço: a/para (padrão) x em (não padrão).....	42
TABELA 2: Grau de definitude de n locativo a/para (padrão) x em (não padrão)	44
TABELA 3: Traço de [+permanência] /[-permanência] a x para.....	45
TABELA 4: Grau de definitude valor de aplicação: em (não padrão)	47
TABELA 5: Sexo/idade aplicação: em (não padrão)	48
TABELA 6: Resultado geral das ocorrências das preposições a/para e em na amostra portvix .	70
TABELA 7: Distribuição da variável independente [+permanência] / [-permanência] entre as preposições a, para e em	71
TABELA 8: Resultado geral das ocorrências das preposições a/para e em na amostra portvix sem os dados de [+ permanência].....	72
TABELA 9: Influência da variável configuração do N locativo na escolha da preposição EM versus PARA.....	74
TABELA 10: influência da variável configuração do espaço na escolha da preposição EM versus PARA.....	76
TABELA 11: Influência da variável narratividade do discurso na escolha da preposição EM versus PARA.....	77
TABELA 12: Frequência de uso das preposições EM e PARA, na variável linguística finalidade do discurso	78
TABELA 13: influência da variável escolaridade na escolha da preposição EM versus PARA .	79
TABELA 14: Influência da variável faixa etária na escolha da preposição EM versus PARA ...	80
TABELA 15 : Frequência da variável social sexo/gênero para as preposições EM e PARA	82
TABELA 16: Influência da variável faixa etária na escolha da preposição em	85
TABELA 17: Influência da variável escolaridade na escolha da preposição em versus a/para ..	86

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Matriz de regência /+padrão / e /- padrão/ do verbo ir diretivo	39
QUADRO 2: Preposição do eixo horizontal.....	40
QUADRO 3: configuração do espaço/valor de aplicação: em (não padrão).....	47
QUADRO 4: Comportamento da variável dependente em relação ao fator Narratividade do Discurso.....	51
QUADRO 5: Fatores analisáveis e distribuição de células sociais.....	59
QUADRO 6: Variáveis linguísticas e sociais controladas e selecionadas.....	73
QUADRO 7: Variáveis independentes controladas e selecionadas	85

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Percentual de Ocorrências das Variantes a, para e em na fala pessoense	50
GRÁFICO 2: Resultados com todos os níveis de escolarização Variante não-padrão Em	52
GRÁFICO 3: Distribuição das preposições em porcentagem	53
GRÁFICO 4: distribuição das ocorrências das preposições a, para e em na amostra portvix	70
GRÁFICO 5: Comportamento da variável faixa etária no uso da preposição EM	81
GRÁFICO 6: Uso da preposição em nas diferentes faixas etárias e nos diferentes níveis de escolaridade	83
GRÁFICO 7: Comportamento da variável social escolaridade no uso da preposição EM.....	87
GRÁFICO 8: Uso da preposição em nas diferentes faixas etárias e nos diferentes níveis de escolaridade	88
GRÁFICO 9: Uso da preposição EM nas diferentes faixas etárias e nos diferentes níveis de escolaridade	89
GRÁFICO 10: Frequência geral de uso das preposições a, para e em como regentes do verbo de movimento IR	91
GRÁFICO 11: Frequência de uso da preposição EM nos estudos realizados no Brasil.....	93
GRÁFICO 12: Confronto entre os resultados para o fator [+det/+ def] da variável Grau de Definitude na aplicação da forma não-padrão em	95
GRÁFICO 13: Confronto entre os resultados do fator [+ fechado] da variável Configuração do Espaço na aplicação da forma não-padrão em.....	97

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Mapa da cidade de Vitória/ES com os principais pontos turísticos.....	58
----------------------------------------------------------------------------------------	-----------

“A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros. Vinha da boca do povo, na língua errada do povo, língua certa do povo. Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil.”

Manuel Bandeira

1. INTRODUÇÃO

Este estudo baseia-se na pesquisa desenvolvida inicialmente por Mollica (1996), com informantes do Rio de Janeiro, e tem por finalidade analisar a variação entre as preposições *a*, *para* e *em*, presente na regência do verbo *ir* com sentido de movimento, na fala capixaba, através de dados que compõem a amostra PortVix - O português falado na cidade de Vitória - ES.

Para o meu trabalho de conclusão de curso, analisei, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Leila Maria Tesch, a regência variável do verbo de movimento *ir* em redações escritas por alunos das turmas do 6º e 9º anos (Ensino Fundamental) e 3º anos (Ensino Médio), em diferentes escolas da Grande Vitória, uma localizada em uma área nobre e da rede privada de ensino e a outra localizada em uma comunidade periférica da rede pública.

Neste período, procuramos investigar, além do comportamento das preposições regentes do verbo de movimento *ir*, como tal assunto estava sendo trabalhado em sala de aula, observando para isso os materiais didáticos utilizados pelas respectivas instituições. Para analisar tal variação, pedimos aos alunos, das respectivas séries e escolas escolhidas, que fizessem uma redação, cujo tema solicitava que narrassem uma viagem que fizeram ou que gostariam de fazer.

Os resultados obtidos nessa pesquisa serviram de incentivo para dar continuidade à pesquisa e explorar mais o comportamento variável do verbo de movimento *ir*, desta vez com falantes da cidade de Vitória/ES, ou seja, minha terra natal. Desta maneira surgiu este trabalho, em que analiso o comportamento variável do verbo de movimento *ir* através de informantes naturais de Vitória-ES e, preferencialmente, filhos de pais também capixabas. (YACOVENCO *et al.*, 2012).

O presente estudo se justifica devido ao seu propósito de preencher uma lacuna nos estudos sobre a regência do verbo de movimento *ir* no Espírito Santo, trazendo dados a respeito desse fenômeno, visto que este verbo apresenta possível forma de uso em sua regência que não é recomendada pela Gramática Normativa. Os fatores linguísticos e extralinguísticos aqui investigados têm se mostrado muito importantes em estudos realizados pelo Brasil, em diferentes amostras, que analisam fenômenos linguísticos relacionados à regência do verbo de movimento *ir*. Por esse motivo, torna-se válido testá-los com os dados de Vitória/ES. Dessa

maneira, esta pesquisa científica justifica-se, aqui, pela necessidade de aprofundamento teórico e análise dos estudos sobre regência do verbo de movimento *ir* na fala de Vitória/ES.

Preocupamo-nos em identificar quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que atuam na variação deste fenômeno, além de investigar em quais contextos ocorre variação das preposições como regentes do verbo de movimento *ir*. Após obter os resultados, esses foram comparados aos resultados de pesquisas da mesma linha realizados em outras regiões do Brasil, pesquisas que tratam, também, da variação entre as preposições *a*, *para* e *em* como regentes do verbo de movimento *ir*, tais como: Mollica (1996) e Ribeiro (1996) que analisaram informantes do Rio de Janeiro, Vallo (2003) que investigou esse fenômeno na fala de João Pessoa e Wiedemer (2008) que analisou dados de fala de Santa Catarina, a fim de traçar um perfil linguístico dos falantes da comunidade de Vitória –ES

A presente pesquisa baseia-se nos postulados da Sociolinguística Variacionista, ou Teoria da Variação, que reconhece a língua como um instrumento social tão heterogêneo quanto as diversas comunidades onde é utilizada. Tal perspectiva teórica entende a língua como um sistema que está intimamente ligado à sociedade que a utiliza no seu dia a dia.

Como este trabalho pretende analisar o comportamento variável de um verbo, para desenvolver esse estudo, e objetivando sistematizar o fenômeno aqui investigado, controlamos os fatores sociais: Sexo/gênero, Faixa etária e Escolaridade; e os fatores linguísticos: Permanência, Configuração do Espaço, Grau de Definitude, Finalidade do Discurso e Narratividade do Discurso. Em seguida, os dados foram codificados e submetidos ao programa computacional GoldVarb X, para análise estatística, a fim de identificar, por meio de percentuais e pesos relativos, as variáveis independentes que possuem maior significância para que ocorra variação na regência do verbo *ir*.

Com isso, a fim de indicar os percursos que serão seguidos nesta análise científica, discutiremos as seguintes hipóteses:

- 1) Considerando que a língua é um instrumento social, passível de mudanças e variações em sua estrutura, esta pesquisa parte da hipótese central de que a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* não é aleatória e que a preposição *em*, apesar de ser reconhecida gramaticalmente como a forma não-padrão, tem seu uso cada vez mais frequente;

- 2) Como a presente pesquisa analisará dados de fala, espera-se que a preposição *a*, considerada padrão pela gramática normativa, apresente baixa frequência de uso;
- 3) Fatores linguísticos e sociais influenciam na escolha de uma das variantes no que se refere ao verbo *ir* de movimento, na fala de Vitória/ES;
- 4) Poderá está ocorrendo favorecimento no uso das variantes, sendo *em* mais utilizada em locativos com o traço [+ fechado] e [+ det./+ def.];
- 5) A forma não-padrão *em* será utilizada por indivíduos menos escolarizados, enquanto as preposições *a* e *para* serão utilizadas por indivíduos que apresentem maior nível de escolaridade;
- 6) Espera-se que os mais velhos utilizem as preposições *a/para* com maior frequência; da mesma maneira que se espera que os mais novos utilizem mais a forma inovadora *em*;
- 7) Quanto à finalidade, espera-se que a preposição *para/prá* seja menos utilizada quando houver ideia de finalidade com a presença da preposição *para*, justamente para evitar repetições;
- 8) Por fim, em relação à narratividade, acreditamos que a preposição *em* será mais utilizada nas narrativas que relatem fatos pessoais, devido ao envolvimento do entrevistado com o fato narrado favorecer o uso da fala casual.

Este estudo compõe-se de nove capítulos destinados a observar o fenômeno aqui investigado. O primeiro capítulo refere-se a introdução e apresentação do trabalho, enquanto o segundo capítulo destina-se à apresentação do fenômeno/objeto de estudo em questão: a regência do verbo de movimento *ir*, tal como as preposições que regem esse verbo e a noção de complemento circunstancial.

O terceiro e o quarto capítulo destinam-se à fundamentação teórica e à revisão bibliográfica. No que diz respeito à fundamentação teórica, neste capítulo abordamos questões ligadas à Sociolinguística Variacionista, como por exemplo a noção da heterogeneidade da língua. Já em relação à revisão bibliográfica, são expostas considerações de diferentes gramáticos a respeito da regência do verbo de movimento *ir*, além de diferentes estudos de base sociolinguística, realizados pelo Brasil, com o mesmo fenômeno linguístico.

O quinto capítulo é destinado aos procedimentos metodológicos realizados para desenvolver este estudo, apresentação da amostra utilizada na pesquisa, relação das variáveis controladas e detalhamento dos procedimentos de análise do objeto de estudo em questão.

No sexto capítulo são discutidos os resultados encontrados pela análise deste trabalho com base na amostra PortVix, tal como a importância e a atuação das variáveis linguísticas e sociais na atuação das preposições regentes de verbo de movimento *ir*. Já no sétimo capítulo, tem-se uma comparação entre os resultados encontrados para o fenômeno investigado tendo a amostra PortVix como base e os diferentes estudos desenvolvidos no Brasil, em diferentes regiões e com diferentes amostras.

Por fim, no oitavo capítulo deste estudo são feitas as considerações finais acerca dos resultados encontrados neste trabalho, e no nono capítulo apresentadas as referências bibliográficas utilizadas como base para a presente pesquisa.

Em suma, procuramos elaborar um trabalho que pudesse contribuir com os estudos linguísticos desenvolvidos no campo da Sociolinguística e com futuras pesquisas na área. Além disso, esperamos traçar o perfil do capixaba, uma vez que esta é uma comunidade linguística que precisa ser analisada. Esperamos, também, que nosso estudo acrescente aos já realizados sobre o fenômeno de variação entre as preposições regentes do verbo de movimento *ir*, considerando que a língua é um instrumento social, passível de mudanças e variações em sua estrutura, além deste se tratar de um fenômeno muito presente no dia a dia dos falantes da Língua Portuguesa.

2 OBJETO DE ESTUDO

2.1 A REGÊNCIA

O estudo sobre a regência de um verbo nos possibilita conhecer as diversas significações que ele pode assumir, dependendo da preposição regente. Em relação a esse fenômeno da Língua Portuguesa, Luft (2010) atribui à *regência* o significado de *comandar* e *dirigir*. O autor discute que

Em gramática emprega-se o termo com sentido amplo e restrito. Em sentido amplo regência equivale a subordinação (...) em sentido restrito, e mais habitual, regência é a subordinação especial de complementos às palavras que os provem na sua significação.” (LUFT, 2010, p. 5).

Para os autores Cunha & Cintra (1985, p. 505), o termo *regência* indica a “relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento à outra”, ou seja, os autores consideram que o termo *regência* implica uma relação existente entre duas palavras que se complementam na sentença.

Já a gramática de Bechara (2010, p. 451) considera *regência* como um “processo sintático em que uma palavra determinante subordina uma palavra determinada”. O autor ainda ressalta que a marca de subordinação existente entre a palavra determinante e a palavra determinada ocorre através das preposições. Nesta pesquisa, a preocupação será particularmente com a regência do verbo *ir* com sentido de movimento. A seguir, discutiremos as preposições que estão envolvidas na regência, variável, deste verbo.

2.2 A REGÊNCIA DO VERBO DE MOVIMENTO *IR*

2.2.1 AS PREPOSIÇÕES *A*, *PARA* E *EM*

Este trabalho preocupa-se em estudar a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* como regentes do verbo *ir* com sentido de movimento. Sabe-se, segundo pesquisas desenvolvidas em várias regiões, dentre elas Mollica (1996), Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Wiedemer (2008), que, no Português Brasileiro, a preposição *a* está perdendo espaço para as preposições *para* e *em*, em determinados contextos, como regente do verbo *ir* de movimento. Sobre este processo, Castilho (2014, p. 598-599) afirma que “as preposições *a*, *para* e *em* entram em

variação sintática quando acompanham verbos de movimento. A vem diminuindo de frequência, ao passo que o uso de *para* se expande.”

Esta pesquisa analisará as ocorrências com as preposições *a*, *para* e *em*, regendo o verbo de movimento *ir*, com dados de fala da cidade de Vitória- ES, que compõem a amostra PortVix – O português falado na cidade de Vitória – desenvolvida por pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). A preocupação em estudar esse fenômeno surgiu pois em muitas gramáticas normativas o verbo *ir* com sentido de movimento é apresentado de forma praticamente invariável, discutindo apenas uma sutil diferença entre as ocorrências envolvendo as preposições *a* e *para*.

Vale ressaltar que as pesquisas desenvolvidas anteriormente em várias regiões do país mostraram que a regência do verbo *ir* é variável, assim como constatamos na amostra PortVix. Abaixo, ilustraremos as ocorrências, retiradas da amostra PortVix, em que este verbo está sendo regido pelas preposições *a*, *para* e *em*.

a) **IR+ A**

(01) *Nunca fomos ao cinema* (Ensino Superior, Homem, 50 anos ou +, Praia do Canto)

b) **IR + PARA**

(02) *Chegava época de férias eu pegava e ia pra Guarapari sozinho* (Ensino Superior, Homem, 26-49 anos, Praia do Canto)

c) **IR+ EM**

(03) *A gente só foi no banheiro* (Ensino Fundamental, Mulher, 07-14 anos, São Pedro)

2.2.2 A PREPOSIÇÃO ATÉ INDICANDO LIMITE

Há também ocorrências em que o verbo *ir* com sentido de movimento é regido pela preposição *até*. Nestes casos, a preposição *até* equivale, segundo Cunha & Cintra (1985, p. 552), a “aproximação a um limite, com insistência nele”. Abaixo, ilustraremos, com uma das ocorrências retiradas da amostra PortVix, o verbo *ir* com sentido de movimento sendo regido pela preposição *até*.

(04) *Você ir a pé até a sua faculdade.* (Ensino Superior, Homem, 50 ou +, Centro)

Sobre as ocorrências em que a preposição *até* aparece regendo o verbo *ir* com sentido de movimento, Castilho (2014, p. 599) discute que “a preposição *até* tem uma etimologia controversa, mas especifica habitualmente o ponto final de um percurso, cujo ponto inicial fica pressuposto”. Assim, esta preposição, como regente do verbo *ir* com sentido de movimento, apresenta a noção de limite da direção expressa pelo verbo.

Nesta pesquisa, assim como nas desenvolvidas anteriormente sobre este fenômeno com outras amostras, não consideraremos as ocorrências com a preposição *até* regendo o verbo *ir* com sentido de movimento, devido a sua baixíssima frequência na amostra estudada. Além disso, por parecer envolver outros sentidos, não teria o mesmo valor representacional.

2.3 A NOÇÃO DE COMPLEMENTO CIRCUNSTANCIAL

A pesquisa desenvolvida por Mollica (1996), com informantes do Rio de Janeiro, considera como objeto de estudo “dados em que o verbo *ir* expressa essencialmente movimento e aparece com complemento circunstancial na forma de sintagma preposicionado – Ir + Sprep (movimento).” (MOLLICA, 1996, p. 151). Diante disso, vale discutirmos nesta pesquisa a noção de complemento circunstancial apresentada pela gramática tradicional, uma vez que também utilizaremos este termo em nosso estudo.

Segundo Rocha Lima (2010), o termo complemento circunstancial está relacionado à ideia de um complemento de natureza adverbial, em que tal complemento é tão indispensável para a compreensão da noção transmitida pelo verbo na sentença, quanto os demais complementos verbais.

Para exemplificar melhor as ocorrências e importância dos complementos circunstanciais nas orações, Rocha Lima (2010, p. 312-313) discute os casos em que os complementos circunstanciais são expressos. Dentre eles temos:

- a) Por um nome regido das preposições *a* ou *para*, indicativas de direção:

Exemplo: *Vou à Roma*

Diante do exemplo acima, podemos observar que o autor explica que os complementos circunstanciais são expressos por um nome regido de uma preposição indicando direção.

Nesse caso, o verbo *ir*, com sentido de movimento, exigiria um complemento circunstancial em sua sentença, para melhor compreensão da ideia transmitida na oração. Além desse caso, temos ainda a presença de um complemento circunstancial expresso:

- b) Por um nome sem preposição, ou com ela, que exprime *tempo, ocasião*:

Exemplo: *Viver muitos anos/ Trabalhar toda vida*

E também:

- c) Por um nome sem preposição, que indique peso; preço; distância no espaço e no tempo.

Exemplo: *Pesar dois quilos/ Valer uma fortuna/ Envelhecer vinte anos*

Diante do que foi apresentado acima, podemos dizer que os complementos circunstanciais são importantes nas orações, pois complementam a ideia apresentada pelo verbo e acrescentam circunstâncias que tornam tal compreensão mais completa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Apresentam-se, neste capítulo, os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação e da Mudança Linguística, proposto a partir dos estudos de Labov (2008 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), que serão adotados nesta pesquisa. Tal teoria tem por objetivo descrever os padrões de comportamento linguístico, presentes em uma comunidade de fala, considerando também o contexto social de produção em que tal comunidade está inserida.

3.1 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Em 1964, a conferência intitulada “*As dimensões da Sociolinguística*”, organizada por William Bright e realizada na Universidade da Califórnia (UCLA), contou com a presença de linguistas pesquisadores interessados em discutir as possíveis relações existentes entre a sociedade e os estudos linguísticos.

Nesse congresso, Bright (1964), com seu trabalho intitulado “Sociolinguistics”, discutiu sobre uma possível sistematicidade entre as variações linguísticas existentes nas diversas comunidades, considerando, também, como fator relevante para os estudos linguísticos, as diferenças sociais que a comunidade possa apresentar.

Foi a partir dos estudos realizados por William Labov sobre a centralização de ditongos /ay/ e /aw/ no inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard (1963), localizada no Estado de Massachusetts, na Costa Nordeste dos Estados Unidos, e sobre a estratificação social do inglês falado em Nova York (1966) analisando a variável /r/, ambos com a orientação de Uriel Weinreich, que se tornou possível o reconhecimento da sistematicidade e ordenação presente nas variações linguísticas.

Sabe-se que o primeiro estudo científico desenvolvido por Labov foi a pesquisa realizada em 1963, na Ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (EUA), na qual pesquisou sobre o inglês falado pelos moradores daquela ilha, com o objetivo de mostrar a importância do papel social na ocorrência das variações linguísticas.

Para desenvolver sua pesquisa, Labov buscou analisar a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, uma característica que ocorre com muita frequência na fala dos moradores da ilha de Martha’s Vineyard, apesar de não ser muito perceptível para os falantes locais. Para observar tal fenômeno, ele realizou entrevistas que induziam os entrevistados a dizer palavras que

possuíam os ditongos /ay/ e /aw/, observando tal ocorrência na fala monitorada, na leitura e em ambientes casuais, dentre eles: ruas, lojas etc.

Como resultado para este estudo, Labov constatou que a centralização, ou não, desses ditongos ocorria de forma inconsciente e servia como maneira dos moradores da ilha de Martha's Vineyard se reafirmarem como nativos diante dos visitantes em massa que iam para a ilha durante o verão, ou então, revelava a insatisfação de alguns moradores com a ilha, mostrando até uma possível vontade de deixar o local. Com este estudo, o pesquisador concluiu que os falantes nativos da ilha apresentavam uma postura linguística que reafirmava sua identidade cultural.

Já em seu segundo estudo realizado em 1966, Labov analisou a estratificação do /r/ em vendedores de lojas de departamento localizadas na cidade de Nova York (EUA), de diferentes padrões sociais. Dentre as lojas estavam: 1) Sacks Fifth Avenue, uma loja caracterizada por atender a um público da classe social mais elevada; 2) Macy's, caracterizada por possuir um status social médio e 3) S. Klein, que atendia ao público que apresentava poder socioeconômico inferior ao das demais lojas investigadas. Nesse estudo, para observar a ocorrência do /r/ pós-vocálico nestas três lojas, Labov adotou o seguinte procedimento:

“[...] o entrevistador se aproximava do informante no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento. O departamento em questão ficava no quarto andar. Quando o entrevistador perguntava: ‘por favor, onde ficam os sapatos femininos?’, a resposta geralmente era: ‘Fourth floor’ (‘Quarto andar’)” (LABOV, 2008 [1972], p. 70).

Como resultado para sua pesquisa, Labov constatou que os entrevistados da Loja Sacks apresentavam altos valores de /r/, os entrevistados da loja Macy's apresentavam valores intermediários, enquanto os da loja S. Klein foram os mais baixos. Diante dos resultados encontrados nesse estudo, Labov observou um comportamento diferenciado nas comunidades analisadas. Para o autor:

“[...] a classe média alta desenvolve o uso de (r-1) cedo na vida – como uma expressão variável de formalidade relativa a ser encontrada em níveis estilísticos. Para os outros grupos na cidade de Nova York, não existe base sólida para (r-1) no estilo vernacular da fala casual; para eles, (r-1) é uma forma que requer alguma atenção ao modo de falar, se for usada (LABOV, 2008 [1972], p. 85).”

Os estudos realizados por Willian Labov em 1963 e 1966 mostraram que é possível estudar a variação e a mudança linguística, além de propor uma nova concepção de língua pautada na

heterogeneidade, diferentemente da concepção adotada anteriormente pelo Estruturalismo e Gerativismo, modelos teóricos propostos que consideravam a língua uma estrutura homogênea. Para Labov (2008[1972], p.13-14):

...existiam barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária. Primeiramente, Saussure tinha enunciado o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham de ser estudados separadamente (1949:124). Este princípio tinha sido consistentemente erodido por Martinet (1955) e outros que encontraram estrutura nas mudanças passadas, mas pouco progresso fora feito na localização da mudança nas estruturas presentes. A segunda barreira ideológica afirmava explicitamente que a mudança sonora não podia, em princípio, ser observada diretamente. Bloomfield defendia a regularidade da mudança sonora contra a evidência irregular do presente declarando (1933:364) que quaisquer flutuações que pudéssemos observar seriam apenas casos de empréstimo dialetal. Em seguida, Hockett observou que, embora a mudança sonora fosse lenta demais para ser observada, a mudança estrutural era rápida demais (1958:457). O estudo empírico da mudança linguística estava, portanto, eliminado do programa da linguística do século XX.

Com isso, os estudos desenvolvidos por Labov e as discussões apresentadas, posteriormente, no livro *Empirical foundations for a theory of language change* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) trouxeram uma diferente concepção de língua, reconhecida como instituição social, impossível ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto em que está inserida.

A Sociolinguística representa um novo foco para os estudos linguísticos, rompendo com a noção de estrutura e homogeneidade difundida até então pelo Estruturalismo. Diferentemente de Saussure, que tinha como objeto de estudo a estrutura homogênea da língua, Labov, em suas pesquisas, enfatiza a importância da heterogeneidade pautada na língua em uso.

Com a mudança de foco do objeto de estudo baseando-se na sistematicidade e reconhecendo a existência da heterogeneidade linguística, a Sociolinguística rompe com a proposta defendida pelos formalistas até a primeira metade do século XX. Neste período, as discussões relacionadas aos estudos linguísticos não consideravam as variações existentes na língua, pois eram tidas como algo “abstrato”, difícil de ser controlado e estudado. Ou seja, até a metade do século XX, a influência social sobre a língua não era considerada nos estudos e análises linguísticas. Sobre esta questão, Lucchesi (2004a, p. 157) afirma:

[...] o modelo teórico estruturalista não podia incorporar como objetos de sua reflexão sistemática nem a prática linguística concreta, nem o processo sócio-histórico de constituição da língua. Baniam-se, desse modo, todas as questões relativas ao caráter social e histórico da língua dos principais cenários teóricos da ciência da linguagem.

Pode-se dizer que até a primeira metade do século XX, os linguistas tratavam a língua como algo homogêneo que se encerrava em si mesmo. Porém, “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como ela funciona enquanto sua estrutura muda?” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 35). Entender como a língua funciona enquanto sua estrutura muda é a principal questão que a Teoria da Variação e Mudança Linguística propõe. Ao reconhecer a existência de uma língua heterogênea, afirma-se que tal heterogeneidade faz parte da competência linguística de cada falante. Dessa maneira, a noção de “variação livre”, difundida até então, é extinguida e passa-se a considerar a variação presente na própria língua e seus contextos linguísticos e extralinguísticos como forma de descrição e análise desse fenômeno. Em suma, a Sociolinguística apresenta-se como uma teoria que busca entender e analisar a sistematicidade e a regularidade dentro das variações presentes na língua.

Para que posteriormente possamos analisar o fenômeno linguístico discutido neste trabalho, é importante definirmos o conceito de variação linguística e delimitarmos o que é variável e variante linguística, questões pertencentes e discutidas na teoria da Variação e Mudança Linguística. Em Mollica (2003, p. 9), temos que “a sociolinguística considera em especial como objeto de estudos exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”, ou seja, o que antes era considerado algo impossível de ser analisado, passa a ser considerado um objeto de estudo reconhecido cientificamente. Com o surgimento da abordagem proposta pela Sociolinguística, abandona-se a análise da língua do indivíduo, passando-se a considerar, então, a língua do grupo social no âmbito de uma comunidade de fala. Com isso, esta teoria apresentou um novo modo de olhar e analisar a língua através das variações linguísticas, existentes graças a pressões internas e externas à língua.

Dessa forma, na definição de Labov (1972), um fenômeno linguístico encontra-se em variação quando apresenta duas ou mais formas de ser expresso no mesmo contexto, conservando seu significado referencial. Com isso, entendemos que a variação linguística é um fenômeno universal, ou seja, presente em todas as línguas, que traz consigo diferentes formas linguísticas, chamadas variantes, para o fenômeno em variação, também denominado variável dependente.

Um dos objetos de estudo da Sociolinguística Variacionista é justamente entender e analisar os principais fatores que motivam as variações linguísticas. Essa teoria nos mostra que tais variações não podem ser vistas apenas como algo que “surtem do acaso”. Ao contrário disso, as variações linguísticas devem ser tratadas como fenômenos linguísticos, que ocorrem graças a fatores estruturais (variáveis internas da língua) e a fatores sociais (cf. LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006).

Vale ressaltar que o fenômeno que apresenta variação, também chamado de variável dependente, sofre influência de variáveis independentes (ou grupo de fatores) que podem ser internas ou externas à língua. São consideradas variáveis independentes de natureza linguística, fatores ligados à semântica, sintaxe, morfologia e discurso. Já as variáveis de natureza extralinguística ou social, dizem respeito, por exemplo, à escolaridade, faixa etária, sexo/gênero e localidade do falante. Com isso, entendemos que as variáveis independentes “podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos” (MOLLICA, 2003, p. 11). Tais variáveis podem influenciar, ou não, os contextos em que as variantes estão presentes, favorecendo ou desfavorecendo seu uso.

Quando um fenômeno linguístico pode ser identificado, no mesmo contexto, por meio de duas ou mais formas, mantendo o seu significado real, dizemos que tal fenômeno apresenta variação linguística. Dessa maneira, entendemos que as formas linguísticas que apresentam variação são frequentes nas mais diversas comunidades de fala. Para exemplificar tal conceito, podemos citar o fenômeno analisado neste estudo, a regência variável do verbo *ir* com sentido de movimento. Nesse fenômeno, o verbo *ir* pode ser utilizado com três preposições diferentes como regentes: *a*, *para* e *em*. Dessa forma, encontramos na Língua Portuguesa os seguintes exemplos retirados do *corpus* analisado:

(04) Quando eu levantei da cama assim pra *ir ao médico*, depois de 2 meses assim, que eu nem olhava no espelho, de tão ruim que eu tava (Ensino Superior, Mulher, 26-49 anos)

(05) A minha mãe começou a *ir na igreja* atual dela que é Maranata, começou a ir eu comecei a ir também (Ensino Superior, Homem, 26-49 anos)

(06) Eles me pegaram com cuidado e me colocaram no carro, até o fim do {luto}, aí, depois *fui pro Hospital das Clinicas* (Ensino Fundamental, Homem, 15-25 anos)

De acordo com a Teoria da Variação e da Mudança Linguística, o fenômeno em variação, neste caso a regência do verbo de movimento *ir*, é tido como *variável dependente*, pois suas variantes não são empregadas de forma aleatória. Já suas diferentes e possíveis formas de ocorrência no contexto, no nosso exemplo, as preposições *a*, *para* e *em*, são consideradas *variantes* desse fenômeno.

A Sociolinguística admite que a variação e a mudança só se revelam em sua sistematicidade quando se considera o contexto social em que a língua é usada, analisando a estrutura e a evolução da língua a partir de sua interação com a sociedade. Não é possível, então, conceber a mudança linguística sem que ela reflita um estado de variação, assim como a variação é sempre um gatilho para uma possível mudança, ou seja, nem tudo que varia sofre mudança, mas toda mudança pressupõe variação. Para isso, Tarallo (1986, pag. 10) afirma:

A variação não implica necessariamente mudança linguística (ou seja, a relação de contemporização entre as variantes). A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado da variação anterior, como resolução de morte para uma das variantes.

A partir da discussão apresentada acima, podemos entender que a Teoria Sociolinguística preocupa-se, principalmente, com o processo de interação presente na sociedade e busca identificar os possíveis fatores que possam motivar ou influenciar o surgimento de fenômenos variáveis, a fim de ordenar o processo de variação.

3.2 A ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA EM NÍVEIS GRAMATICAIS: A POLÊMICA ENVOLVENDO LABOV E LAVANDERA

Com a Sociolinguística Variacionista, na década de 60, Willian Labov apresenta a noção de variação condicionada, considerando a interferência de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionando sua existência. Como os primeiros trabalhos desenvolvidos por Labov (1966; 1972) foram realizados no campo da fonologia e já apontavam a importância dos fatores sociais e estilísticos nas análises linguísticas, ele percebeu a importância de fazer estudos e análises sociolinguísticas também em outros níveis gramaticais.

O primeiro trabalho baseando-se na Sociolinguística para realizar análises em outros níveis, diferentes do fonológico estudado até então, foi desenvolvido por Weiner & Labov ([1977]1983), em que foram analisadas as estruturas ativa e passiva do inglês, ou seja, uma

variável sintática. Os resultados desta pesquisa mostraram que as formas linguísticas passiva e ativa, além de serem equivalentes semanticamente, não eram condicionadas por fatores sociais, mas sim por fatores internos à língua. Este resultado mostrou a importância de analisar e considerar também fatores linguísticos, não apenas os fatores sociais, o que implicaria uma possível reformulação da teoria Sociolinguística.

Porém, o estudo desenvolvido por Weiner & Labov ([1977] 1983) foi muito questionado por pesquisadores, que alegavam que a noção de variação sintática seria muito “complexa” e questionável, uma vez que seria impensável o fato de duas formas sintáticas terem o mesmo significado (GADET, 1992).

Uma das pesquisadoras que também questionou este tipo de análise, utilizando a Sociolinguística como base teórica, foi Beatriz Lavandera em um de seus artigos intitulado *Los limites de la variable sociolinguística*. Neste artigo, Lavandera (1984) explicou que não existiria a possibilidade de expandir a teoria Sociolinguística para outros níveis além do fonológico, alegando que toda construção sintática possui seu próprio significado. Tal crítica foi de encontro aos resultados encontrados no estudo desenvolvido por Weiner & Labov ([1977]1983).

Após a discussão sobre a possibilidade de estender as análises utilizando teoria Sociolinguística para os níveis gramaticais, deixando de ser apenas em níveis fonológicos, as críticas feitas por Lavandera (1984) serviram para o aprimoramento do modelo teórico. Em resposta a essa polêmica, Labov (1978) ressaltou que a Sociolinguística, além de se preocupar com os fatores sociais em análises linguísticas, preocupa-se também em estudar as variações e mudanças existentes na estrutura gramatical da língua. Dessa maneira, o autor reconhece a necessidade de se fazer análises variacionistas em diferentes níveis gramaticais, para que seja possível descrever as variedades linguísticas, considerando fatores internos e estruturais (linguísticos) e fatores que estão externos à língua (sociais).

Podemos entender que a extensão da Teoria Sociolinguística para análises em níveis gramaticais, considerando a importância de se investigar fatores internos a língua, contribuiu com os estudos sociolinguísticos, pois discute questões relevantes aos estudos linguísticos, além de estender o campo abordado inicialmente por esta teoria. Tal extensão também enriquece seus pressupostos justamente por investigar fenômenos linguísticos inicialmente não investigados nem imaginados.

Com base na proposta da Sociolinguística Variacionista, analisaremos o objeto de estudo desta pesquisa, a partir das discussões e pressupostos abordados, neste capítulo, por esta teoria. O capítulo a seguir apresentará as diferentes pesquisas já realizadas no Brasil sobre o fenômeno de variação entre as preposições *a*, *para* e *em* como regentes do verbo *ir* com sentido de movimento, dentre elas, o estudo pioneiro da Mollica (1996).

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Neste capítulo, apresentaremos a maneira como a regência do verbo *ir* com sentido de movimento está sendo abordada em algumas gramáticas selecionadas. Além disso, apresentaremos também pesquisas desenvolvidas no país sobre a regência variável deste verbo, dentre elas o estudo pioneiro realizado por Mollica (1996), a análise na fala culta carioca realizada por Ribeiro (1996), o estudo desenvolvido por Vallo (2003) com informantes de João Pessoa - Paraíba, e a pesquisa sobre a regência variável do verbo *ir* com informantes de Santa Catarina, realizada por Wiedemer (2008).

Assim como todas as línguas, a Língua Portuguesa também apresenta mudanças e variações em sua estrutura, à medida que é utilizada por seus falantes nas mais diversas situações comunicativas. Dentre tantos fenômenos presentes nesta língua, temos a regência variável do verbo *ir* com sentido de movimento, em que podemos observar como regentes desse verbo as preposições *a*, *para* e *em*. Vale ressaltar que alguns gramáticos apresentam uma sutil diferença para os usos das preposições *a* e *para*, alegando que a preposição *a* traduz a ideia de “não se demorar ou de voltar em breve”; enquanto a preposição *para* possui a ideia de permanência, em determinado lugar, por mais ou menos tempo. Apesar de enfatizar as possíveis diferenças quanto ao uso dessas preposições, pouco se fala a respeito da preposição *em*, apesar de sabermos que, no Português Brasileiro, esta preposição também ocorre como regente do verbo *ir*, sobretudo na fala.

4.1 QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS

Para compreendermos o fenômeno em estudo, a variação presente na regência do verbo *ir* com sentido de movimento, partiremos da análise de algumas gramáticas que abordam esse conteúdo, dentre elas: Cunha & Cintra (2008), Bechara (2009), Bagno (2012) e Castilho (2014). Nesta análise, observaremos a maneira como tais autores tratam a regência do verbo *ir*, ou seja, se estes autores consideram, ou não, além da preposição *a*, as preposições *para* e *em* como regentes do verbo de movimento *ir*.

Em sua gramática, Cunha e Cintra (2008) descrevem os usos adequados para cada uma das preposições utilizadas para reger o verbo *ir* com sentido de movimento. Nesta descrição, observamos que, para os autores, a preposição *a* possui ideia de “direção a um limite”; diferente da preposição *em* que indica “alcance de uma situação dentro de” ou então

“superação de um limite de interioridade”. Os autores também abordam que a preposição *para* apresenta uma “tendência para um limite”. Para eles, esta preposição se distingue da preposição *a* justamente por “comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento.” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 576-587). Dessa maneira, podemos observar que os autores consideram o uso das três preposições, porém delimitam as situações em que cada uma delas deverá ser utilizada.

Já Bechara (2009), em sua “Moderna Gramática Portuguesa”, inicia o capítulo conceituando o tema Regência Verbal. Para o autor, “diz-se regência, em sentido restrito, o processo sintático em que uma palavra determinante subordina uma palavra determinada. A marca de subordinação é expressa, nas construções analíticas, pela preposição” (Bechara 2009, p.451).

Já em relação à regência do verbo de movimento *ir*, o autor deixa clara a necessidade de usar as preposições *a* ou *para* como regentes desse verbo. Em seguida, Bechara apresenta os seguintes exemplos para ilustrar tal uso:

- a) Fui *à* cidade
- b) Fui *para* França

E ainda explica quanto ao uso dessas preposições, mostrando a diferença entre as preposições *a* e *para* e quando devemos usar cada uma delas. Para o autor:

Nem sempre é indiferente o emprego de *a* ou *para* depois do verbo *ir* e outros que denotam movimento. A preposição *a* ora denota a simples direção, ora envolve a ideia de retorno. Já a preposição *para* lança a atenção do nosso ouvinte para o ponto terminal do movimento.” (Bechara 2009, p.460).

Quanto ao uso da preposição *em*, o autor adverte que “deve-se evitar construções do tipo ‘*fui na cidade*’” (Bechara 2009, p.460). Com isso, podemos observar que, para o autor, há casos em que devemos utilizar a preposição *para*, que são diferentes dos casos em que devemos utilizar a preposição *a*, ou seja, a preposição *para* chama mais atenção para o ponto terminal do movimento. Além disso, o autor ainda adverte dizendo que não devemos utilizar a preposição *em* como regente do verbo *ir* com sentido de movimento, mesmo estando essa preposição tão presente na fala dos brasileiros.

Já Marcos Bagno (2012) caracteriza a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* regendo o verbo de movimento *ir*, como algo “particularmente interessante” devido à possibilidade que esse verbo apresenta de reger três preposições: *em*, *a* e *para*.

O uso de *em* é censurado pela tradição gramatical normativa, que só admite *a* e *para*, cada uma delas com empregos bem delimitados. Como se sabe, a tradição gramatical diz que a preposição *a* deve ser usada com o verbo *ir* para indicar na ida temporária, passageira, uma permanência breve em algum lugar. Já a preposição *para* deveria ser usada para indicar uma permanência maior ou até mesmo definitiva. Segundo essas regras tradicionais, portanto, existe muita diferença nos enunciados “*amanhã vou a Maceió*” e “*amanhã vou para Maceió*”. (Bagno 2012, p. 869).

Para tratar do assunto, Bagno (2012) apresenta uma “matriz de regências do verbo *ir*”, baseando-se nos registros apresentados pelas Gramáticas Tradicionais Brasileiras para ilustrar a “suposta” diferença entre os usos das preposições *a* e *para*.

QUADRO 1: Matriz de regência /+padrão / e /- padrão/ do verbo *ir* diretivo

	Preposição	Semântica
Tradição Normativa	A	[- Permanência]
	Para	[+ Permanência]
Vernáculo Geral Brasileiro	A	[- Permanência]
	Para	[- Permanência] [+ Permanência]
	Em	[- Permanência] [+ Permanência]

(Fonte: Bagno, 2012, p. 869)

Bagno (2012) ainda apresenta os resultados de uma pesquisa em que estudou a variação entre as preposições *a*, *para* e *em*, regendo verbos de movimento na fala, utilizando dez inquéritos do projeto NURC. Nessa pesquisa, o autor pôde constatar que vários falantes cultos dão ampla preferência aos usos considerados “errados” pela tradição gramatical, dentre eles, o uso da preposição *em* regendo verbos de movimento. Além disso, o autor ainda observou que existe uma concorrência quanto ao uso das preposições *a*, *para* e *em* em contextos que

indicam [- permanência], diferentemente dos contextos que indicam [+ permanência], em que só a preposição *para* foi utilizada.

Ataliba de Castilho, em sua “Gramática do Português Brasileiro”, afirma que “verbos de movimento físico e de movimento fictício, tais como ir, vir, chegar, partir, entrar, sair, viajar etc., ocorrem com as preposições no eixo horizontal.” (Castilho, 2014, p. 596). Para ilustrar essa afirmação, o autor apresenta a seguinte tabela:

QUADRO 2: Preposição do eixo horizontal

PONTO INICIAL	PONTO MEDIAL	PONTO FINAL
De, desde, a partir de	Por, no meio de	A, em, para, até (a), contra

(Fonte: Castilho, 2014, p. 596)

Em relação à tabela, Castilho (2014) explica que as preposições *a*, *para*, *em*, *até* e *contra* possuem noção de ponto final de um percurso. Quanto ao uso das preposições *a*, *para* e *em*, regendo o verbo de movimento *ir*, o autor reconhece que essas preposições “entram em variação sintática quando acompanham verbos de movimento”. (Castilho 2014, p. 598). Para explicar essa variação, ele apresenta uma lista de exemplos para cada uma das três preposições. Dentre esses exemplos, podemos destacar:

- Preposição *a*: *Ele já ia à escola da manhã (...) quando eu comecei a trabalhar.* (D2 SP 360)
- Preposição *em*: *(...) que manda entradas para a gente e a gente não pode às vezes se negar então a gente vai **no** chá né* (DID POA 45)
- Preposição *para*: *É dia do meu marido ir **para** a faculdade* (D2 SP 360)

Castilho (2014) ainda enfatiza que a preposição *a* tem tido sua frequência diminuída comparada à frequência de uso da preposição *para*. Para o autor, “A vem diminuindo de frequência, ao passo que o uso de *para* se expande, não sendo identificável neste caso o sentido de deslocamento que implica retorno, comumente apontado nas gramáticas para diferenciar essas preposições” (Castilho 2014, p. 598-599).

4.2 QUE MOSTRAM AS PESQUISAS SOCIOLINGUÍSTICAS SOBRE A REGÊNCIA DO VERBO DE MOVIMENTI IR

Com o intuito de investigar a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* como regentes do verbo *ir* com sentido de movimento, foram realizados, no Brasil, diversos estudos científicos de descrição desse fenômeno com diferentes amostras. Este capítulo mostrará as pesquisas desenvolvidas por Mollica (1996), Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Wiedemer (2008) sobre a regência variável do verbo de movimento *ir*.

4.2.1 MOLLICA (1996)

Em relação ao fenômeno regência do verbo de movimento *ir*, existem várias pesquisas que apontam a variação das preposições *a*, *para* e *em* introduzindo o complemento locativo deste verbo. O primeiro trabalho realizado sobre este tema foi desenvolvido por Cecília Mollica, em 1996, que analisou a variação no emprego da regência deste verbo no *corpus* Censo do Rio de Janeiro com falantes cariocas com até o 2º Grau completo. Este trabalho constatou que a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* ocorre e depende de características sociais, além de características morfossintáticas e semânticas presentes no complemento locativo do verbo *ir*.

Em seu estudo, Mollica (1996) analisou as ocorrências com o verbo *ir* indicando movimento, objetivando entender quais são os condicionadores que favorecem a variação entre as preposições regentes deste verbo, buscando sempre opor as preposições *a* e *para*, consideradas *padrões* pelas gramáticas tradicionais, e a preposição *em*, tida como *não padrão* por estas mesmas gramáticas. Com isso, foram consideradas para este estudo apenas as formas em que o verbo *ir* indica movimento e apresenta complemento circunstancial, representado na forma de um sintagma preposicionado.

Neste estudo, a autora considerou as seguintes hipóteses: 1) O emprego variável da regência verbal não é aleatório, o que torna possível seu estudo numa perspectiva variacionista; 2) Na fala carioca, os empregos de *a/para* vs. *em* têm condicionamentos específicos; 3) Sendo ambas padrão, mas com percentual de uso bem distinto, deve haver uma hierarquia entre *a* e *para*, numa escala em que *a* seja considerada mais padrão que *para*, e uma terceira forma *em*, não-padrão.

Nessa pesquisa, foram controladas variáveis sociais e linguísticas. Em relação às variáveis sociais, a autora analisou a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* nas variáveis

escolaridade, faixa etária e sexo. Já em relação às variáveis linguísticas, Mollica (1996) considerou pertinente e importante analisar características morfossemânticas referentes ao locativo do verbo *ir* de movimento. Para tanto, foram consideradas as variáveis linguísticas: Permanência, Configuração do Espaço e Grau de Definitude.

Na variável linguística Configuração do espaço, os locativos foram analisados a partir dos traços semânticos [+ fechado] e [- fechado]. Para a autora, o traço [+ fechado] diz respeito a “lugar cercado, com uma entrada definida, com ou sem teto” (MOLLICA, 1996, p. 155), neste caso, são considerados locativos que apresentam traço semântico [+fechado] exemplos como: Maracanã, casa, clube, entre outros. Os locativos que não apresentam estas características, tais como: praia, cidade, etc. e os que se referem a lugares indefinidos e/ou abstratos, como por exemplo “médico”, possuem traço [-fechado]. Vale ressaltar que a definição destes traços semânticos “baseia-se na hipótese de que a preposição *em*, além da noção de movimento quando acompanha o verbo *ir*, conota sentido de “estar dentro”, sendo mais provável em locativos de traço [+fechado]: recinto cujo espaço seja mais demarcado” (MOLLICA, 1996, p. 156).

Os resultados obtidos para esta variável linguística constataam a hipótese inicial da autora de que a preposição *em* ocorre com maior frequência como regente do verbo *ir* com sentido de movimento, em locativos que apresentam o traço semântico [+fechado], uma vez que esta preposição também apresenta valor semântico de “estar dentro”, além do valor de movimento.

TABELA 1: Configuração do espaço: a/para (padrão) x em (não padrão)

FATORES	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[- FECHADO]	234/366	64%	.57
[+ FECHADO]	146/344	42%	.42

(Fonte: MOLLICA, 1996, p. 157)

Em relação à variável Grau de Definitude, Mollica (1996) controlou os traços de natureza semântica definido/não definido, além dos traços de natureza formal presença/ausência de determinante de N. A hipótese para esta variável é a de que quanto mais definido for o locativo, maiores serão as chances de a preposição *em* ser a preposição escolhida para reger o verbo *ir* com sentido de movimento. Em contrapartida, quando mais vago for o locativo, maiores serão as chances de uso das preposições *a* e *para*.

O traço [+definido] refere-se ao locativo conhecido do falante e do ouvinte, além disso os locativos que possuem o traço [+definido] podem ser precedidos de artigo definido, pronomes possessivos e demonstrativos. Já o traço [-definido] é utilizado no caso de referentes vagos, imprecisos, pouco identificável pelo falante e pelo ouvinte. Neste traço semântico, os referentes poderão vir precedidos de artigos indefinidos e pronomes indefinidos. A fim de organizar estes traços semânticos, a autora fez a seguinte distribuição:

a) [+determinante] [+definido]: Locativos precedidos por determinante e conhecidos pelo falante ou ouvinte, ou ambos.

Exemplo: Ainda estou para ir *ao* Barras shopping.

b) [+determinante] [-definido]: Recebem um traço positivo e outro negativo. Neste caso, o determinante é um artigo indefinido ou um pronome indefinido.

Exemplo: Vai *numa* festinha ali.

c) [-determinante] [+definido]: Também recebem um traço positivo e outro negativo. Neste exemplo os locativos não são precedidos por determinante, mas o referente é conhecido. São considerados neste caso nomes de cidades, países, estados, bairros e o caso específico da palavra *casa*, referindo-se à do locutor.

Exemplo: Eu fui uma vez *a* Copacabana.

d) [-determinante] [-definido]: Recebem dois traços negativos, pois se trata dos referentes com menor grau de definitude, ou seja, os locativos não são precedidos por determinante, além de serem vagos e desconhecidos do falante e/ou do ouvinte.

Exemplo: ir *para* psiquiatras e analistas.

Vale ressaltar que alguns dados não foram considerados na pesquisa desenvolvida por Mollica (1996). Quanto a estes dados, a autora explica:

São os casos em que não se sabe ao certo se o determinante está ou não está presente, isto é, se houve ou não houve contração da preposição com o artigo *a*. Na fala carioca não se faz diferença na pronúncia entre o *a* (sem crase) e o *à* (com crase), tampouco se pode saber se a forma *pra* é uma abreviação de *para* ou uma contração de *para + a*. Decidimos eliminar estes dados, embora fossem numerosos, o que apresentou considerável redução no conjunto de dados de que dispúnhamos inicialmente para análise (MOLLICA, 1996, pag. 161)

Os resultados encontrados por Mollica (1996) para este grupo de fatores também prova a hipótese inicial levantada pela autora de que quanto mais definido e acompanhado de determinante for o locativo, menores serão as chances de ocorrência das preposições *a/para*, o que favorece o uso da preposição *em*.

TABELA 2: Grau de definitude de n locativo a/para (padrão) x em (não padrão)

FATORES	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[+determinante] [+definido]	208/467	45%	.31
[+determinante] [-definido]	60/97	62%	.43
[-determinante] [+definido]	85/114	75%	.50
[-determinante] [-definido]	27/32	84%	.73

(Fonte: MOLLICA, 1996, pag. 161)

Os traços de [+ permanência] e [- permanência] foram controlados nesse estudo. Mollica (1996) separou os dados partindo dos contextos que indicavam ideia de fim ou de permanência.

[+permanência]: “Ela vai ter que ir embora, ir *pra* terra dela”;

[-permanência]: “Só uma vez que ela foi *à* praia conosco”.

Nesta variável, a autora analisou apenas *a x para*, uma vez que nos dados da amostra do Rio de Janeiro não houve nenhum caso de uso da preposição *em* indicando [+permanência]. Os resultados mostraram que os falantes cariocas continuavam sensíveis à recomendação gramatical de uso da preposição *para* em casos de [+permanência], uma vez que esta recomendação está fortemente presente na fala.

TABELA 3: Traço de [+permanência] /[-permanência] a x para

FATORES	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
[+PERMANÊNCIA]	4/44	9%	.27
[-PERMANÊNCIA]	248/586	42%	.72

(Fonte: MOLLICA, 1996, p. 162)

Em relação aos resultados obtidos pelas variáveis sociais, a autora observou que há diferenças entre a escolaridade e a escolha da preposição como regente do verbo *ir*, sendo a preposição *em* favorecida pelos alunos do Primário e Ginásio, enquanto os alunos do Segundo Grau favorecem as formas padrão *a* e *para*. Quando combinadas as variáveis sociais *Sexo* e *Escolarização*, constata-se que “as mulheres são mais sensíveis à escolarização, obedecendo desde o início à pressão escolar” (MOLLICA, 1996, pag. 287)

Quanto ao fator social *Idade*, a autora constatou que a escolha da preposição regente do verbo de movimento *ir* também está relacionada a este fator, apesar de as crianças apresentarem uma tendência maior de uso das formas padrão do que os jovens de 15 a 25 anos. Além disso, quando analisados os resultados dos dois sexos separadamente, percebe-se que os meninos, comparados com as meninas, favorecem ligeiramente o uso das formas consideradas padrão. Entretanto, esta situação sofre mudança na faixa etária que corresponde aos falantes de 26 a 49 anos, pois as mulheres passam a sobrepujar os homens. Apesar disso, os dois grupos chegam a velhice com resultados empatados.

4.2.2 RIBEIRO (1996)

Objetivando investigar a regência variável do verbo de movimento *ir* e também dar continuidade ao estudo desenvolvido por Mollica (1996) realizado com falantes cariocas que concluíram o 2º grau, Ribeiro (1996) desenvolveu um estudo que se preocupou em investigar a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* utilizando como *corpus* o projeto NURC (Norma Urbana Culta). Ele analisou 734 ocorrências em 114 inquéritos formados a partir de diálogo entre informante e documentador, a fim de analisar a atuação de cada uma das preposições citadas como regentes do verbo *ir* nos dados de fala de indivíduos naturais da capital do Rio com nível superior.

O autor, semelhantemente a Mollica (1996), buscou investigar as seguintes hipóteses: 1) O fenômeno em questão não é aleatório, o que torna possível a sua abordagem em perspectiva variacionista; 2) Trata-se de oposição entre variantes padrão *a/para* e não padrão *em*, portanto, governada por variáveis sociais, devendo, ainda, o emprego da forma *em* “possuir” razões contextuais fortes (...) com acréscimo e/ou reforço de sentido ao verbo *ir* de movimento.

Com este estudo, Ribeiro (1996) teve a pretensão de confrontar os postulados das gramáticas tradicionais no que diz respeito ao tema investigado, além de contribuir com a descrição da chamada fala culta da cidade, em situação de fala semiformal.

Quanto à escolha das variáveis linguísticas e sociais que foram utilizadas nessa pesquisa, o autor procurou investigar, assim como Mollica (1996), as variáveis linguísticas Configuração do Espaço e Grau de Definitude. Já em relação às variáveis sociais, por se tratar de um *corpus* diferente do analisado pela pesquisadora, Ribeiro (1996) investigou as variáveis: *Sexo* (homens e mulheres), *Idade* (25-35 anos, 36-55 anos e 56 anos em diante) e *Zona de Residência* (Zona Sul, Zona Norte e Zona Suburbana da cidade).

Ao descrever os resultados encontrados, o primeiro ponto que o autor chama a atenção é para o fato de a variante *em* apresentar um número baixo de ocorrências. Ao testar as variantes *a/para* x *em*, ele encontrou um percentual de 86% de uso das preposições *a/para* e 14% de frequência da preposição *em*. O autor acredita que isto seja um reflexo da pressão da norma que os informantes sofrem, uma vez que todos possuem Nível Superior.

Em relação à variável Configuração do Espaço, os resultados apresentados por Ribeiro (1996) mostram que a preposição *em* é favorecida em locativos que apresentam o traço semântico [+fechado], assim como foi mostrado por Mollica (1996).

QUADRO 3: configuração do espaço/valor de aplicação: em (não padrão)

FATORES	Nº/FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO	TOTAL
[+fechado]	65/21	.60	309
[-fechado]	40/09	.43	425
Total	105/14	-	734

(Fonte: RIBEIRO,1996, p. 55)

Dessa mesma maneira, os resultados encontrados por Ribeiro (1996) também ratificam os resultados encontrados por Mollica no que se refere à variável *Grau de Definitude*. Estes resultados apontam que a preposição é favorecida em locativos que apresentam os traços [+definido] [+determinante], sendo desfavorecida nos locativos que apresentam o traço [-definido] [-determinante]. Outra semelhança com os resultados apontados por Mollica refere-se aos traços semânticos onde havia um fator com marca positiva e outro com marca negativa, nestes casos, assim como Mollica, os resultados apresentaram posições intermediárias.

TABELA 4: Grau de definitude valor de aplicação: em (não padrão)

FATORES	N/F (%)	PESO RELATIVO	TOTAL
[+determinante] [+definido]	49/37	.80	134
[+determinante] [-definido]	11/15	.59	73
[-determinante] [+definido]	25/10	.48	240
[-determinante] [-definido]	20/07	.34	287
TOTAL	105/14	-	734

(Fonte: RIBEIRO,1996, p.57)

Já em relação às variáveis sociais, Ribeiro (1996) observou que as mulheres que pertencem à faixa etária correspondente a 36-55 anos evitam a preposição *em*, enquanto as demais faixas tendem a utilizá-la mais. Ribeiro atribuiu este resultado à exposição ao mercado de trabalho, alegando que este influencia os falantes que pertencem à meia idade a utilizarem com maior

frequência as formas padrão. Diferentemente das mulheres que apresentaram indícios de variação estável, o comportamento dos homens em relação ao uso das variantes *a*, *para* e *em* apresentam indícios de mudança, já que os mais jovens utilizam mais a preposição *em* do que os falantes mais velhos.

Diante destes resultados, Ribeiro realizou um “cruzamento” entre as variáveis sociais Sexo e Idade, o que superou a aparente neutralidade apresentada por essas variáveis isoladamente.

TABELA 5: Sexo/idade aplicação: em (não padrão)

FATORES	N/F (%)	PESO RELATIVO	TOTAL
Homens (25 – 35 anos)	16/19	.61	85
Homens (36 – 55 anos)	31/15	.53	204
Homens (+ de 56 anos)	13/11	.46	115
Mulheres (25 – 35 anos)	12/17	.56	69
Mulheres (36 – 55anos)	21/11	.37	196
Mulheres (+ de 56 anos)	12/18	.67	65
TOTAL	105/14	-	734

(RIBEIRO, 1996, p. 61)

Diante dos pesos apresentados acima, Ribeiro observou que as mulheres entre 36 e 55 anos aderem às variantes *a/para* consideradas de prestígio. Já na faixa etária que corresponde aos informantes acima de 56 anos, enquanto os homens favorecem as variantes *a/para*, as mulheres favorecem o uso da variante não padrão *em*, revertendo o movimento iniciado na faixa etária 36-55 anos que corresponde à faixa média de idade. Para este resultado, o autor explica:

É possível, entretanto, que as mulheres – de modo geral -, alvo de pressões sociais normativizadoras – sejam atingidas por tais pressões com mais intensidade, quando têm que “brigar” para se manterem “vivas” no nosso mercado de trabalho de nível superior (e essa época da vida pode se situar entre os trinta e os cinquenta anos de idade). RIBEIRO (1996, pag.62-63)

Vale ressaltar que a variável social Zona de Residência não foi selecionada pelo programa como uma variável significativa estatisticamente para o estudo em questão. Entretanto, os resultados encontrados por Ribeiro (1996) mostram que a preposição *em*, considerada não padrão por grande parte das gramáticas tradicionais, apresenta maior frequência em indivíduos residentes nos subúrbios.

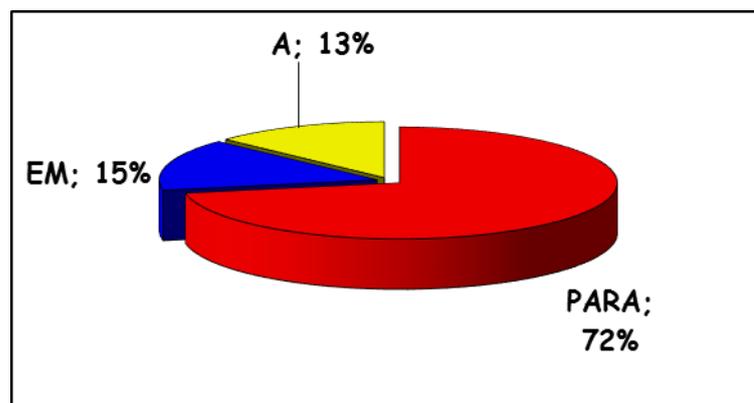
4.2.3 VALLO (2003)

Em seu estudo sobre a regência variável do verbo de movimento *ir*, VALLO (2003) utilizou como *corpus* de sua pesquisa 60 entrevistas, com média de 60 minutos de duração cada uma, que compõe o banco de dados do projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba - VALPB (HORA; PEDROSA, 2001). Assim como as pesquisas anteriores desenvolvidas até então por Mollica (1996) e Ribeiro (1996), Vallo (2003) preocupou-se em investigar os fatores sociais e estruturais que motivavam o uso das preposições *a*, *para* ou *em* como regente do verbo *ir* com sentido de movimento.

Também se baseando no estudo proposto por Mollica (1996), Vallo (2003) investigou a variação entre as preposições *a*, *para* e *em*, observando a influência de quatro variáveis linguísticas e três variáveis sociais que considerou importantes para a pesquisa. Dentre as variáveis linguísticas investigadas estão: Permanência no Local, Configuração do Espaço, Grau de Definitude do Nome do Locativo e o fator Narratividade do Discurso. Já as variáveis sociais investigadas nessa pesquisa são: Sexo, Faixa Etária e Anos de Escolarização.

Em uma análise geral quanto ao uso das preposições investigadas, Vallo (2003) encontrou 610 ocorrências das variantes *a*, *para* e *em* como regentes do verbo *ir* com sentido de movimento. Dessas 610 ocorrências, 82 casos (13%) referem-se à variante *a*, 441 casos (72%) à variante *para* e 87 casos (15%) à variante *em*. Abaixo o gráfico com o percentual de ocorrências das variantes *a*, *para* e *em* na fala pessoense.

GRÁFICO 1: Percentual de Ocorrências das Variantes *a*, *para* e *em* na fala pessoense



(Fonte: VALLO, 2003, pag. 60)

Os resultados encontrados por Vallo (2003) mostraram que na fala desses pessoenses há uma maior aplicação da variante *para* em detrimento às variáveis *a* e *em*, visto que a variante *para* obteve um índice percentual alto de 72%, com um índice de 15% para *em* e 13% para a variante *a*. Tais resultados não confirmaram uma das hipóteses do autor, a qual previa a variante *a* como a mais utilizada, seguida de *para* e, posteriormente, da variante não-padrão *em*.

Após realizar a rodada ternária com as preposições regentes do verbo *ir* com sentido de movimento, Vallo (2003) realizou uma segunda rodada de caráter binário entre a forma padrão *a/para* versus a forma não-padrão *em*, a fim de confrontar os resultados encontrados na sua pesquisa, com os resultados encontrados em pesquisas desenvolvidas anteriormente.

Na rodada binária realizada por Vallo (2003, pag. 61) com os dados da amostra VALPB, foram selecionados os seguintes grupos de fatores, por ordem de relevância: 1. Grau de Definitude do Nome Locativo; 2. Narratividade do Discurso; 3. Configuração do Espaço; 4. Anos de Escolarização.

Enquanto os fatores descartados da análise como possíveis condicionadores do fenômeno estudado, por ordem de eliminação, foram: 1. Sexo; 2. Faixa Etária.

Em relação à variável linguística Grau de Definitude, os resultados mostram que os locativos considerados vagos/imprecisos, tanto pelo falante quanto para o ouvinte, favorecem as preposições *a/para*, enquanto os locativos conhecidos pelo falante e do pelo ouvinte favorecem o emprego da preposição *em*, ou seja, o autor também constatou, assim como Mollica (1996), que a variante não-padrão *em* é favorecida quando o locativo é de conhecimento do falante e do ouvinte.

Já os resultados encontrados para a variável linguística Narratividade do Discurso mostraram que o uso da narratividade nos discursos investigados favoreceu a escolha da preposição *em* junto ao locativo de verbo *ir* com sentido de movimento. Enquanto a não-narratividade favoreceu o uso das preposições *a* e *para*. Através dessa análise, o autor pôde constatar que a preposição *em* ocorre com maior frequência como regente do verbo de movimento *ir* nos contextos narrativos, tanto quando o informante está narrando suas próprias experiências, quanto quando está narrando as experiências de outras pessoas. Os resultados encontrados para esta variável linguística mostraram que o “falante em um discurso espontâneo, não planejado, tende a fazer uso de uma variedade não-*standard*” (MOLLICA, 1998, p.15).

QUADRO 4: Comportamento da variável dependente em relação ao fator Narratividade do Discurso

Narratividade do Discurso	Comportamento da variável dependente
Quanto mais narrativo o discurso (!) Ex.: (...) Minha tia <i>foi no</i> médico chamado doutor Laucro (...) (IFS-3gf)	Favorecimento da variante não-padrão <i>em</i>
Quanto menos narrativo o discurso (?) Ex.: (...) Ele tem é quanto tempo que eu <i>vou a</i> essa igreja do Roger (...) (RTO-2uf)	favorecimento da variante padrão <i>a/para</i>

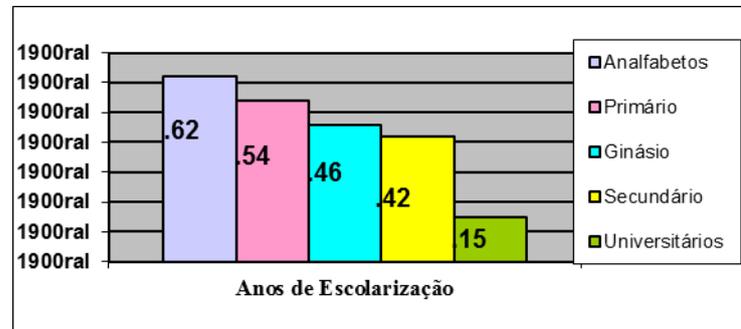
(Fonte: VALLO 2003, pag. 68)

Para a variável Configuração do Espaço, os resultados apontam um comportamento semelhante ao das pesquisas desenvolvidas por Mollica (1996) e Ribeiro (1996) em relação à escolha da preposição regente do verbo *ir*. Neste estudo, os locativos que apresentaram o traço semântico [+fechado] favoreceram a ocorrência da preposição *em*, enquanto os locativos que apresentaram traço semântico [-fechado] favoreceram a ocorrência das preposições *a/para*.

Quanto aos resultados apresentados pela variável social *Anos de Escolarização*, Vallo (2003) identificou que os falantes que apresentam mais de 11 anos de escolarização favorecem a escolha das preposições *a/para* como regentes do verbo *ir* com sentido de movimento. Já os falantes analfabetos e os que possuem entre 1 a 4 anos de escolarização favorecem a escolha

da preposição *em* como regente deste mesmo verbo. O gráfico abaixo nos mostra que quanto menor a escolarização maior a probabilidade de aplicação da forma não-padrão *em*

GRÁFICO 2: Resultados com todos os níveis de escolarização Variante não-padrão *Em*



(Fonte: VALLO, 2003, pag.75)

Em síntese, os resultados encontrados na pesquisa desenvolvida por Vallo (2003) mostraram que a regência variável do verbo de movimento *ir* na fala pessoense não ocorre de forma aleatória, tendo em vista que fatores linguísticos e extralinguísticos se mostraram relevante para o fenômeno estudado. Além disso, o autor enfatizou a importância de determinarmos o papel que cada variável investigada desempenha dentro do processo de variação, pois, dessa maneira, poderemos traçar um perfil linguístico da comunidade investigada e, posteriormente, fazer comparações com diferentes comunidades a fim de verificar e tentar entender o processo de variação e mudança da Língua Portuguesa falada no Brasil.

4.2.4 WIEDEMER (2008)

Wiedemer (2008) também pesquisou sobre a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* regendo o verbo de movimento *ir*. Em seu trabalho, foram analisadas 72 entrevistas retiradas do banco de dados VARSUL, composto por falantes do estado Santa Catarina, das cidades de Florianópolis, Blumenau e Chapecó. Sua pesquisa também se preocupou em identificar os fatores linguísticos e sociais que determinam a escolha da preposição que se manifesta junto ao complemento locativo do verbo de movimento *ir*.

Em relação às variáveis investigadas neste estudo, o autor investigou: 1) Variáveis linguísticas associadas ao N locativo: Frequência Aspectual, Definitude, Configuração do Espaço, Demarcação do Espaço e Destino; 2) Variáveis linguísticas associadas ao sujeito: *Pessoa do*

Discurso; 3) Variáveis linguísticas associadas ao verbo: Tempo-modo Verbal, Perfectividade, Frequência; 4) Variáveis linguísticas discursivas: Narratividade, Finalidade; 5) Variáveis sociais: Idade, Escolaridade e Localidade.

De acordo com os resultados encontrados por Wiedemer (2008), a preposição *em* vem expandindo seu uso, apresentando percentual de 40%, superando o percentual de 15% atribuído à preposição *a* e se mostrando próximo ao percentual de 45% encontrado para a preposição *para*. Em ordem decrescente, a distribuição geral foi:

$$para (45\%) > em (40\%) > a (15\%)$$

Já a análise de frequência de uso da preposição regente do verbo de movimento *ir* por cidade, isoladamente, encontrada por Wiedemer (2008) foi a seguinte:

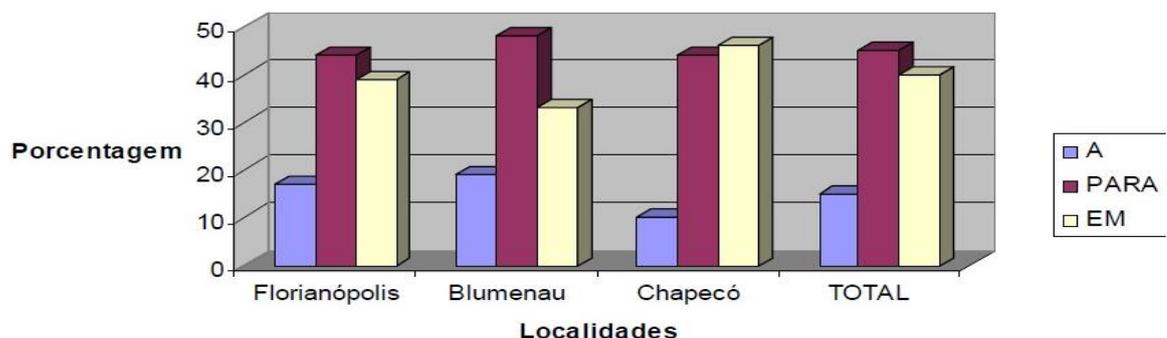
$$\text{Florianópolis: } para (44\%) > em (39\%) > a (17\%)$$

$$\text{Blumenau: } para (48\%) > em (33\%) > a (19\%)$$

$$\text{Chapecó: } para (46\%) > em (44\%) > a (10\%)$$

Abaixo o gráfico de distribuição das preposições *a*, *para* e *em* nas diferentes cidades analisadas.

GRÁFICO 3: Distribuição das preposições em porcentagem



Fonte: Wiedemer, 2008, pag. 85

Os resultados apontaram que a preposição *em* está expandindo seu uso, com maior frequência na cidade de Chapecó e com menos frequência em Blumenau, cidade que, por sua vez, apresentou maior frequência de uso da preposição *a* entre as três cidades. Para o autor, o desdobramento metodológico por cidade se mostrou muito relevante para a pesquisa, pois “foi capaz de captar nuances diferenciadas entre as diferentes localidades.” (Wiedemer, 2008, pag. 126)

De acordo com os resultados encontrados em sua pesquisa, o autor observou proximidade, em certa medida, nas frequências de uso das preposições entre dados retirados da amostra VARSUL e o trabalho desenvolvido por Mollica (1996) no Rio de Janeiro. Essa proximidade pode ser observada no resultado encontrado para a preposição *em*, 40% em Santa Catarina e 46% no Rio de Janeiro. Neste caso só foi possível comparar as frequências de uso da preposição *em*, tendo em vista que Mollica (1996) não analisou a preposição *a* desvinculada de *para*.

Em seu trabalho, o autor organizou os resultados encontrados para cada uma das preposições em análises diferentes, ou seja, uma análise para preposição *a*, uma para a preposição *para* e uma para a preposição *em*.

Em relação à variante *a*, o autor realizou uma rodada com dados da cidade de Florianópolis e foram selecionadas como relevantes as seguintes variáveis nesta mesma ordem: Configuração do Espaço, Destino, Escolaridade e Sexo. Já para a cidade Blumenau, foram selecionadas as variáveis: Idade, Configuração do Espaço, Sexo e Destino. Em relação à cidade de Chapecó, a única variável selecionada pelo programa como estatisticamente relevante foi Escolaridade.

Em relação à variante *para*, foram selecionadas como estatisticamente relevantes com os dados de Florianópolis, seguindo esta mesma ordem, as variáveis: Tempo-Modo Verbal, Demarcação, Pessoa do Discurso, Frequência, Forma do SN, Destino e Configuração do Espaço. Já para a cidade de Blumenau, foram selecionadas como significativas as variáveis: Idade, Demarcação, Forma do SN, Narratividade, Tempo-Modo Verbal, Destino e Configuração do Espaço e na cidade de Chapecó, a variável Demarcação foi a única variável selecionada como estatisticamente relevante.

Por fim, os resultados encontrados em relação à preposição *em* com os dados da cidade Florianópolis mostraram que para a ocorrência desta preposição junto ao verbo de movimento *ir*, as variáveis que se mostraram relevantes foram: Forma do SN; Demarcação do Espaço e

Tempo-modo Verbal. Já para a cidade de Blumenau, foram selecionadas as variáveis: Demarcação do Espaço; Aspecto; Forma do SN, enquanto para a cidade do Chapecó foram selecionadas: Configuração do N locativo; Narratividade; Definitude e Escolaridade.

O resultado encontrado por Wiedemer (2008) em relação ao uso da preposição *em* junto ao locativo do verbo de movimento *ir*, 40% dos dados, aproxima-se do resultado encontrado por Mollica (1996), 46% dos dados. Porém, esse resultado se distancia do resultado encontrado por Vallo (2003), 15% dos dados, e do resultado encontrado por Ribeiro (1996), 14% dos dados. Em relação ao uso da preposição *a*, o resultado encontrado por Wiedemer (2008), em Santa Catarina, 15% dos dados, aproxima-se bastante do resultado apresentado por Vallo (2003) em João Pessoa, 13% dos dados. Os demais pesquisadores, Mollica e Ribeiro, que também estudaram este fenômeno, trataram das variantes *a* e *para* conjuntamente, o que não nos permite comparar com as demais amostras que analisaram esta variante isoladamente.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, descreveremos os procedimentos metodológicos realizados para desenvolver esta pesquisa. Dentre esses procedimentos, falaremos também sobre a cidade de Vitória–ES, local onde foram realizadas as entrevistas que compõem a amostra PortVix – O português falado na cidade de Vitória - utilizada em nossa pesquisa. Além disso, apresentaremos as variáveis independentes investigadas, as hipóteses para cada grupo de fatores e o programa GoldVarb X utilizado para analisar estatisticamente os dados investigados da amostra PortVix.

Vale ressaltar que assim como os trabalhos desenvolvidos anteriormente por Mollica (1996) e Vallo (2003), não estamos considerando, neste estudo, os dados em que temos a presença de um advérbio de lugar antes da preposição regente do verbo *ir*, uma vez que estes dados só apresentam variação entre as preposições *para* e *em*. Abaixo alguns exemplos dos dados que não foram analisados.

(07) “*Mas eles acabam respeitando um pouco, deixando assim, vou lá pra Praça dos Namorado, entendeu?* (Ensino Fundamental, Homem, 07 a 14 anos)

(08) “*Não sei quem que convidou é... eles pra ir lá na igreja*” (Ensino Fundamental, Mulher, 26-49 anos.)

(09) “*Eu fui lá pro morro só pra observar o gado correndo quer dizer é uma coisa linda...*” (Ensino Fundamental, Homem, 50 ou +

5.1 AMOSTRA

5.1.1 A CIDADE DE VITÓRIA/ES

Vitória, capital do Espírito Santo, estado localizado na região Sudeste do Brasil, é um arquipélago composto por 33 ilhas e uma porção continental. A cidade, com população de 355.875, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2015), é considerada uma das mais populosas do Espírito Santo. Além disso, pertence à chamada *Região Metropolitana* do estado, composta pelos municípios: Fundão, Guarapari, Serra, Cariacica, Viana, Vila Velha e Vitória.

A história de Vitória teve início 34 anos após o descobrimento do Brasil em 1500. O local foi explorado por portugueses que buscavam uma região mais segura, onde pudessem se proteger dos ataques de estrangeiros e índios. O nome da cidade surgiu após os portugueses conquistarem uma vitória sobre os índios Goytacazes, em 8 de setembro de 1551, quando, empolgados pela conquista, os portugueses passaram a chamar o local de Ilha da Vitória.

O município só foi emancipado politicamente em 24 de fevereiro de 1823, quando Vitória recebeu Fórum de cidade após assinatura de um Decreto-Lei Imperial, mas foi em meados do século XX que o local se transformou devido às mudanças econômicas e sociais ocorridas na cidade, principalmente pelas instalações de diversas empresas estatais no município. Tais mudanças envolvendo a ocupação urbana se concentraram mais na parte continental da ilha.

Com o propósito de facilitar a administração da cidade de Vitória, a prefeitura dividiu o município em sete regiões administrativas, de acordo com as características de cada bairro. As sete regiões administrativas de Vitória são: Regional Bento Ferreira/ Jucutuquara; Regional Continental; Regional Maruípe; Regional Praia do Canto; Regional Centro; Regional Santo Antônio e Regional São Pedro.

O município possui belas praias, mangues, enseadas e encostas. Tais elementos contribuem para a formação da belíssima paisagem que a ilha apresenta. Sua beleza natural é singular e pode ser apreciada em áreas de lazer como o parque Pedra da Cebola, Parque Moscoso, Fonte Grande, Horto de Maruípe, entre outros parques rodeados de muito verde e contato direto com a natureza. O encanto da cidade e seus grupos tradicionais regionais fazem com que Vitória seja um destino turístico cada vez mais em ascensão.

Vale lembrar que é em Vitória que está localizada a única universidade federal do estado, a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Além disso, é também na cidade de Vitória que estão localizados os dois grandes portos do Espírito Santo: Porto do Tubarão (localizado no bairro Jardim Camburi) e Porto de Vitória (localizado no centro da cidade), estes dois portos fazem parte do maior complexo portuário de Brasil. Abaixo o mapa da cidade de Vitória/ES com principais pontos turísticos.

QUADRO 5: Fatores analisáveis e distribuição de células sociais

Faixa etária	07-14 anos		15-25 anos		26-49 anos		50 anos ou mais		Total
	H	M	H	M	H	M	H	M	
E. Fund.	4	4	2	2	2	2	2	2	20
E. Méd.	-	-	3	3	2	2	2	2	14
E. Sup.	-	-	2	2	2	2	2	2	12

(Fonte: YACOVENCO *et al.*, 2012, p. 777)

A amostra PortVix é composta, originalmente, por 46 entrevistas distribuídas por faixa etária, gênero/sexo e escolaridade dos informantes. A seleção dos informantes que compõem essa amostra atendeu ao critério básico de serem naturais de Vitória-ES e, preferencialmente, filhos de pais também capixabas, além de terem sempre morado nessa cidade (YACOVENCO *et al.*, 2012).

5.2 VARIÁVEIS INVESTIGADAS

Neste estudo, serão investigadas variáveis independentes, de natureza linguística e extralinguística, a fim de observar sua possível relevância/influência em relação ao fenômeno estudado, a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* regendo o verbo *ir* com sentido de movimento. Baseando-se nas propostas das pesquisas desenvolvidas anteriormente sobre este fenômeno, em várias regiões do Brasil, selecionamos para este estudo as seguintes variáveis independentes:

5.2.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

5.2.1.1 Grau de Definitude

Nesta pesquisa, controlaremos a variável linguística *Grau de Definitude*, proposta por Mollica (1996), em que serão observadas as características morfo-semântico-discursivas de N do Sprep e classificadas de acordo com o grau de definição do locativo analisado.

A fim de garantirmos um controle e uma codificação consistente em relação aos dados retirados da amostra PortVix e analisados neste trabalho, para esta variável linguística, trabalharemos com diferentes níveis de definição do N do locativo, tais como: *Presença/ausência de determinante antes de N, Definitude e Gênero do locativo*. .

Quanto a presença/ausência de determinante no N, estamos considerando [+ determinante] marca formal de artigos, pronomes, independentemente de ser definido ou indenido.; e [- determinante] locativos sem essas marcas.

Para controlarmos a definitude do locativo e, assim, analisar o traço de natureza semântica definido/não definido, estamos considerando como [+definido] referentes conhecidos do falante/ouvinte e facilmente identificável; e [-definido] referentes considerados imprecisos ou vagos pelo falante e/ou ouvinte. Abaixo alguns exemplos retirados do *corpus* para cada um dos fatores considerados nesse grupo.

Quanto ao gênero do locativo, no trabalho desenvolvido por Mollica (1996), e posteriormente por Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Wiedemer (2008), os dados em que o verbo *ir* ocorre juntamente com as preposições *a* ou *para* como regentes e N é feminino, foram retirados da análise. Para Mollica (1996, pag. 160), em relação a esses dados:

(...) não se sabe ao certo se o DET está ou não está presente, isto é, se houve ou não houve contração da preposição com o artigo *a*: na fala carioca não se faz diferença na pronúncia entre *a* (sem crase) e o *à* (com crase), tampouco se pode saber se a forma *pra* é uma abreviação de *para* ou uma contração de *para* mais *a*. Decidimos eliminar estes dados, embora fossem numerosos, o que apresentou considerável redução no conjunto de dados de que dispúnhamos inicialmente para análise. (Mollica, 1996, pag. 160-161)

Para evitar a perda de uma quantidade significativa de dados, decidimos adotar um procedimento que pudesse tentar identificar a presença/ausência de DET junto a preposição *a*

e para. Para isso, realizamos permutas com a preposição *em* toda vez que nos deparávamos com dados em que *a* ou *para* estivessem precedidos por um DET feminino. Esse procedimento nos fez perceber se havia, ou não, um DET junto a preposição regente do verbo *ir* com sentido de movimento e evitou a retirada de uma grande quantidade de dados da nossa análise. Abaixo um exemplo de como foi realizado este procedimento.

(10) “*Bom no meu caso, de manhã eu vou pra igreja*” (Ensino Fundamental, Homem, 07-14 anos)

Após permutamos a preposição *para* pela preposição *em*, a frase ficou da seguinte maneira: “Bom no meu caso, de manhã eu vou na (em + artigo a) igreja”.

No exemplo acima entendemos que há um determinante, uma vez que ao realizarmos uma permuta entre a preposição *para* e *em*, a presença do artigo neste contexto ficou mais clara. Caso não tivéssemos considerado a presença do artigo, a frase ficaria: “Bom no meu caso, de manhã eu vou em igreja”, o que ficaria diferente do que foi apresentado pelo contexto.

Outra questão que vale ressaltar é que, por estarmos analisando a regência de um verbo com sentido de movimento, muitos locativos encontrados nos dados analisados faziam referências a nomes de países, cidades e bairros. Para codificar esses casos específicos quanto ao gênero do locativo, consideramos o que foi proposto por Bechara (2010, p. 95) em relação ao gênero do locativo “cidade”, em que o autor afirma que “são, normalmente, femininos os nomes de cidades e ilhas”.

Já em relação aos nomes de países e bairros, consideramos como gênero feminino os nomes precedidos pelo artigo definido *a*, como, por exemplo: França, Espanha, Praia do Canto etc. Da mesma forma consideramos como gênero masculino os nomes de países e bairros precedidos pelo artigo definido *o*, ou sem nenhum artigo, em vista desse substantivo oculto, como, por exemplo: Estados Unidos, Centro, Manguinhos.

Segue abaixo cada um dos fatores analisados nesse grupo e um exemplo retirado do banco de dados PortVix:

a) [+ det + def. (feminino)]

(11) “*é:: eu acho que eu num vou muito na igreja porque eu num sei ...eu não gosto muito ... eu vou assim eu gosto de ir lá .. por exemplo ir lá... falar com ele porque minha vó me*

ensinou falar com ele né... entrar lá naquela casinha assim e:: ta lá aquela capelinha pequenininha..” (Ensino Fundamental, Mulher, 07-14 anos)

b)[+ det. + def. (masculino)]

(12) *“aí, no outro dia acordo, a mesma rotina, só que aí é diferente, aí, eu chego, **vou pro colégio**, eu vou faço o dever de casa, e cama, aí, não muda muita coisa.”* (Ensino Fundamental, Homem, 07-14 anos)

c)[+ det. - def. (feminino)]

(13) *“...agora o mais importante é a base disso aqui futuro... o povo daqui que não tem o que comer... **ir pra escola** direito... você pode ver... você/você tem vinte e poucos anos... vinte e seis... vai cinco anos atrás não tinha quase nem na/na/na roça pra buscar os menino... hoje já tem tudo isso”* (Ensino Médio, Homem, 50 ou +)

d)[+ det. - def. (masculino)]

(14) *“Se eu fizer alguma coisa errada eu conto... se eu... se eu é::... se eu quero fazer alguma coisa eu conto igual... esse passeio pra **ir prum sesi**”* (Ensino Fundamental, Mulher, 07-14 anos)

e)[- det.+ def. (feminino)]

(15) *“Eu chorei... fiquei chorando... ai que vergonha... aí fiquei chorando assim... aí depois **eu fui pra casa** ...”* (Ensino Fundamental, Mulher, 07 – 14 anos)

f)[- det. + def. (masculino)]

(16) *“Ultimamente os carnavais aí eu tenho passado aqui em vitória não tenho saído não mas antes era manguinhos aí eu **ia pra mangui::nhos**...”* (Ensino Superior, Homem, 15 – 25 anos)

g) [- det. - def. (feminino)]

(17) “*Ah em casa eu como... eu digo assim eu gosto de PIZza mas eu gosto tipo assim... eu não gosto muito eu gosto de **ir em coisa...***” (Ensino Médio, Mulher, 15 – 25 anos)

h) [- det. - def. (masculino)]

(18) *ah:: um /uma pessoa assim pra... sair com você... uma pessoa companhia assim que você pode chamar ela pra **ir em todos lugares** entendeu? ...*” (Ensino Fundamental, Homem, 07-14 anos)

Nossa hipótese para este grupo de fatores é, assim como foi discutido por Mollica (1996), de que quanto maior for a definitude do referente, ou seja, quanto mais definido for o referente em questão, maior será a incidência de uso da preposição *em*. Segundo Mollica (1996, pag. 158), tal hipótese pode ser afirmada/discutida pois tal locativo “indica “lugar onde” além de “movimento” dado pelo verbo *ir*”, diferentemente dos locativos mais vagos e indefinidos, que expressam apenas a noção de movimento do verbo *ir*, por isso maior a chance de serem regidos pelas preposições *a/para*.

5.2.1.2 Configuração do Espaço

Assim como Mollica (1996) e os demais pesquisadores que estudaram este fenômeno, controlaremos a variável *Configuração do Espaço* objetivando investigar se a abertura do local influencia, ou não, a escolha da preposição regente do verbo de movimento *ir*.

a) [+ Fechado] Refere-se à configuração espacial: lugar cercado, que possui entrada definida, com ou sem teto, por exemplo: casa, cinema, colégio, etc.

(19) “*ai isso foi na sexta eu sai da escola e fui **pro clube.***” (Ensino Médio, Mulher, 26 a 49 anos)

b) [- Fechado] Para esse fator são considerados os exemplos que não se ajustam à definição anterior, caracterizados como um lugar aberto, sem entrada definida, por exemplo: esquina, praia, rua, etc.

(20) “*a gente foi eu não te falei que eu i/eu eu: eu fui **numa cachoeira?***” (Ensino Fundamental, homem, 07 a 14 anos).

No que diz respeito à variável *Configuração do Espaço*, nossa hipótese é de que as preposições *para/a* estejam associadas à ambientes [- fechado], enquanto a preposição *em* esteja associada à ambientes [+ fechado].

5.2.1.3 Finalidade do Discurso

Controlaremos a variável linguística *Finalidade do Discurso* com o intuito de observar se os dados em que a preposição *para* está presente indicando finalidade influenciam, ou não, a escolha da preposição *para* como regente do verbo de movimento *ir*.

a) [+ Finalidade]: Com a preposição *para* seguida do verbo no infinitivo

(21) “*dentro do meu bairro não, tem eles até a/is a mulher feiosa chata pra caramba, aí, ela fala que ia fazer uma pra gente, mais não fez não, ainda não, não sei, ela vai tar com esse plano pra fazer, mais pra gente de dentro do bairro não tem, ou, então, tem que sair de Consolação, **ir pra Praia do Canto, pra ver os esportes ou, então, pra praticá-los.***” (Ensino Fundamental, Homem, 15 a 25 anos)

b) [+ Finalidade/Sem preposição]: Sem a preposição *para*

(22) “*ele era segundo goleiro...**ele já foi pra Goiás jogar pra Belo Horizonte...até hoje ele joga... se tivesse::...aproveitado::... alguém né... ele seria até talvez jo/...** [jogador famosoII.*” (Mulher, Ensino Médio, 26 a 49 anos)

c) [- Finalidade]: Não há ideia de finalidade.

(23) “***Vou no new play c&a:: praça de alimentação cinema .Todo lugar***”. (Ensino Fundamental, Homem, 07 a 14 anos)

Quanto ao grupo de fatores *Finalidade do Discurso*, acreditamos que as preposições *a* e *em* serão utilizadas com maior frequência quando houver a preposição *para/prá* indicando finalidade, justamente para evitar a repetição desta preposição.

5.2.1.4 Narratividade do Discurso

Sabe-se que as narrativas ocorrem com frequência em entrevistas sociolinguísticas, pois o roteiro de perguntas previamente elaboradas colabora para que o entrevistado relate fatos dinâmicos que ocorreram em um determinado momento. Diante disso, controlaremos em nosso estudo, a variável linguística *Narratividade do Discurso*, a fim de observar se os contextos narrativos e não-narrativos influenciam na frequência de uso da preposição *a*, *para* ou *em*, como regente do verbo *ir* com sentido de movimento.

a) [+ Narrativo]: Nesse fator, serão consideradas as narrativas que remetam a fatos relacionados à experiências pessoais, tais como: infância, risco de vida etc. Para a agenda estilística laboviana, tais experiências fazem com que o entrevistado monitore menos a sua fala, pois as experiências narradas favorecem o uso da fala em estilo casual, devido o envolvimento do entrevistado com o fato narrado.

(24) “...**fomos pro Hor::to**... nisso que a gente tava andando na rua a gente... olhando pra trás tinha do / **DOIS** rapazes seguindo a gente... e não era:: **ASSim** rapazes nem era novinho né? aí tinha o que? cinco meninas e um menini::nho só com a gente... mais da minha sala... aí eu gente vamos... apressar só **UM** pouquinho não vamos correr se não eles vão perceber... aí apressamos a pas::so... aí eu peguei su / aí subimos assim no:: morinho que tinha lá do **hor::to** aí eles falaram bem assim vamos comprar refrigerante lá na rua... aí depois eles... apareceram de novo no telefone... aí já fiquei preocupada eu **eRA ASSIM**... a maior entre todos... eu fiquei preocupada que os três... foram comprar refrigerante... aí eu meu deus! que que eu vou fazer? **SENHOR::** pela Amor de deus! livra o / eles de repente eles sumiram mi / num voltaram mais... {inint} eu acho assim se eu num... pedisse o senhor que ele é **podeROSO lógico!**” (Ensino Fundamental, Mulher, 15-25 anos)

b) [- Narrativo]: Para este fator, consideramos como [- narrativo] outros formatos de fala narrativa que envolvam diferentes relatos de experiências passadas, que não sejam, necessariamente, consideradas relevantes para o entrevistado. Para Labov (2001), tais formatos de narrativas não geram o mesmo efeito de desvio de atenção à fala do entrevistado, durante a entrevista sociolinguística, como os formatos atribuídos às narrativas de experiência pessoal.

(25) “*Eu fui no hospital SANTA Rita uma vez... não gostei muito do atendimento não... por exemplo foi muito/ muito SEco o cara muito assim::... como se tivesse::... sabe... eu que/ e um ambiente assim pô hospital já é uma coisa carreGAda entendeu?... acho que se as pessoas que tão lá... às vezes a gente vai lá com boa vontade... tipo assim... tentando melhorar... tá tudo meio escu::ro... o cara todo meio parece mal arruma::do... sabe tipo assim meio sua::do... ou seja é um ambiente assim::... peSAdo e a pessoa ainda não::... não tá lá assim... ah eu fui uma vez não gostei não.*” (Ensino Médio, Mulher, 15 – 25 anos)

b) [Não-narrativo]: Serão classificados como [não-narrativo] trechos de fala argumentativos, descritivos, expositivo etc, ou seja, os trechos que não possam ser classificados como narrativos por não apresentarem uma sequência cronológica em sua estrutura.

(26) “*O fato de você não ir ao cinema, ir ao cinema, porque o que tá acontecendo eles já... eles já tão ten-tan-do... eliminar alguns problemas... problema de estacionamen::to... problema de segurança e tal como?... colocando os/ o cinema dentro do shopping.*” (Ensino Superior, Homem, 50 ou +)

Para este grupo de fatores, espera-se que a preposição *em*, considerada não-padrão pelas gramáticas normativas, seja usada com mais frequência em dados que apresentem uma maior narratividade, ou seja, [+narrativo], devido o envolvimento do entrevistado favorecer o uso da fala casual.

5.2.1.5 Permanência

A fim de saber se os falantes ainda preservam a recomendação da gramática tradicional em relação ao uso da preposição *para*, indicando maior permanência no local, controlaremos os dados em dois traços linguísticos [+ Permanência] e [- Permanência].

a) [+ Permanência]: Serão considerados [+ permanência] os dados que apresentam ideia de fim ou maior permanência no local.

(27) “*Porque tem amiga... uma amiga e um amigo que mora ali::...te:m... tem os meus amigos que moravam aqui que foram pros Estados Unidos...*” (Ensino Fundamental, Homem, 07 a 14 anos)

b) [- Permanência]: Serão considerados [- permanência] os dados que indicam que a ida ao locativo é só para certo fim, ou seja, contextos em que há ideia de retorno.

(28) “É assim..eu fazia bem assim.. porque eu não tomo café da manhã pra ir **pra** escola... fico até meio dia sem comer nada... aí quando eu chego da escola eu almoço ... quando chego da escola... chego em casa eu almoço... fico até quatro horas sem comer nada... faço o meu lanche... e num janto... pronto” (Ensino Fundamental, Mulher, 07 a 14 anos).

Quanto a variável *Permanência*, acreditamos que a preposição *para* será mais utilizada com dados que indicam [+ Permanência], assim como recomenda a gramática tradicional, enquanto as preposições *a* e *em* serão mais utilizadas com dados que indicam [- Permanência].

5.2.2 VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS

5.2.2.1 Sexo/Gênero

Uma das variáveis sociais analisada por esta pesquisa refere-se ao *Sexo/gênero* do informante. No que concerne à variável sexo, a hipótese clássica discutida por Labov (2008[1972]) para esta variável afirma que as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao uso das formas de prestígio. Quanto a esta variável social, Paiva (2004) destaca que

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, como no caso da pronúncia retroflexa em Nova York, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo. (PAIVA, 2004, p. 36)

Diante disso, em relação a essa variável, acreditamos que as variantes *a* e *para*, formas recomendadas pela Gramática Normativa, serão utilizadas pelo sexo/gênero feminino, por serem as preposições reconhecidas pela tradição gramatical como padrão, enquanto a preposição *em*, considerada não-padrão pela gramática normativa, será utilizada pelo sexo/gênero masculino.

5.2.2.2 Faixa Etária

Neste estudo controlaremos também a *Faixa etária* dos informantes que compõe a amostra PortVix, que se divide em quatro grupos. São eles: 07-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e 50 anos ou mais.

No que diz respeito à variável idade, a hipótese clássica prevê que a variante mais antiga tende a ser preservada pelos informantes mais velhos (NARO in MOLLICA; BRAGA, 2012). Com isso, para a variável *Faixa Etária*, consideramos a hipótese de que os informantes mais velhos utilizarão as formas reconhecidas como padrão *a* e *para* com maior frequência, enquanto os informantes mais novos utilizarão a forma não-padrão *em*, pois acreditamos que esta seja a forma inovadora para este fenômeno.

5.2.2.3 Escolaridade

Outra variável social que será controlada neste estudo refere-se à *Escolaridade* do informante. Assim como na amostra utilizada nesta pesquisa, os informantes analisados foram divididos em três níveis de escolaridade: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Em relação à variável independente *Grau de Escolaridade*, acreditamos que os informantes que possuem maior grau de escolaridade, ou seja, nível Ensino Superior, utilizarão com maior frequência as preposições *a* e *para*, recomendadas pela tradição gramatical, seguidos dos informantes que possuem Ensino Médio. Enquanto os informantes que possuem menor grau de escolaridade, Ensino Fundamental, utilizarão com maior frequência a preposição *em*, não recomendada pela tradição gramatical. Em suma, acreditamos que os falantes mais escolarizados utilizarão a forma padrão e os menos escolarizados utilizarão a forma não-padrão.

5.3 GOLDVARB X

Desenvolver estudos de caráter quantitativo sobre fenômenos que apresentam variação linguística possibilita ao pesquisador entender questões envolvendo o encaixamento linguístico e social, além da sistematicidade do fenômeno. Sobre esta metodologia, entendemos que “o uso de métodos estatísticos tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo

local, comunidade de fala, prestígio e estigma entre tantas outras.” (GUY; ZILLES, 2007, p. 73)

Para tratarmos quantitativamente os dados de fala sobre a regência variável do verbo *ir* indicando movimento, retirados da amostra PortVix, realizamos o processo de codificação e geração dos dados estatísticos através do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), versão mais atual do pacote Varbrul, que fornece os percentuais e frequência de cada variável independente, o que nos permite identificar os possíveis contextos de cada uma das variantes investigadas.

O pacote Varbrul é formado por um conjunto de programas que realizam análises multivariadas, especificamente dados de variação sociolinguística. O programa estatístico GoldVarb X é utilizado para analisar variáveis linguísticas que possibilita a contagem dos dados, mostra o comportamento das variantes de acordo com os grupos de fatores analisados e aponta os percentuais de cada uma delas. Sobre esse processo de análise, Guy e Zilles (2007) afirmam que:

Permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. (GUY; ZILLES, 2007, p. 105)

O programa também fornece resultados referentes ao peso relativo obtido para cada variável, ou seja, dados que representam o índice de aplicação da variante dependendo do contexto em que ela está inserida. Vale salientar que a análise estatística do fenômeno estudado apresentará os resultados que indicarão os contextos que favorecem, ou inibem, cada uma das preposições investigadas nesta pesquisa. No próximo capítulo discutiremos os resultados obtidos por essa análise, relacionando às hipóteses levantadas em nosso estudo e à teoria da Sociolinguística Variacionista.

6 ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS

Para a realização deste trabalho, foram investigadas 591 ocorrências com o verbo de movimento *ir* nas 46 entrevistas analisadas do PortVix, o que nos possibilitou desenvolver este estudo. Inicialmente, procuramos determinar a frequência das variantes *a*, *para* e *em*,

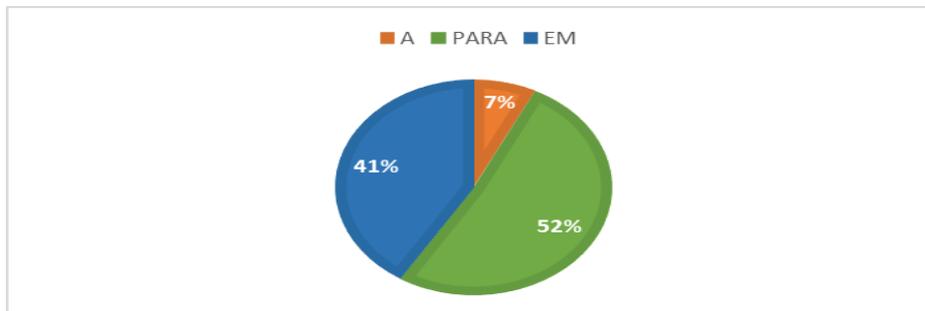
objeto de estudo desta pesquisa, buscando traçar um panorama geral das ocorrências de cada uma delas nas entrevistas.

TABELA 6: Resultado geral das ocorrências das preposições a/para e em na amostra portvix

	A	PARA	EM	TOTAL
Nº	45	304	242	591
%	7.6%	51.4%	40.9%	100%

Dentre as ocorrências, observamos 304 utilizando a preposição *para*, o que corresponde a 51.4%, o maior índice de uso das três preposições, seguido de 242 ocorrências utilizando a preposição *em*, o que corresponde a 40.9% dos dados e 45 ocorrências utilizando a preposição *a*, número esse que corresponde a 7.6 % de todos os dados. O gráfico abaixo ilustra a distribuição geral das preposições *a*, *para* e *em* nas entrevistas da amostra PortVix

GRÁFICO 4: distribuição das ocorrências das preposições a, para e em na amostra portvix



Podemos observar, a partir dos dados apresentados no gráfico acima, que a variante *para* apresentou o maior índice de ocorrência comparado às variantes *em* e *a*. Apesar disso, vale ressaltar que a preposição *em* apresentou um alto índice de ocorrências, mesmo sendo considerada não-padrão e seu uso não sendo recomendado pela gramática tradicional. Tal índice corresponde à nossa hipótese inicial de que essa preposição seria utilizada com bastante frequência nos dados de fala analisados da comunidade capixaba.

Após realizarmos a primeira rodada ternária, com o intuito de observar o comportamento de cada uma das variantes analisadas neste estudo, realizaremos duas rodadas binárias, sendo elas: a variante *para* versus a variante *em*, ambas com alto valor de frequência, e as formas

padrões *a/para* versus a forma não-padrão *em*, a fim de utilizarmos os resultados apresentados nesta pesquisa para confrontar os estudos de variação entre as preposições *a*, *para* e *em*, desenvolvidos em outras regiões do país. Ao controlarmos estatisticamente cada uma das variáveis observadas neste estudo, poderemos identificar quais são os contextos que favorecem ou inibem o uso de cada uma delas.

6.1 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS

Este capítulo está dividido em duas seções que correspondem às rodadas binárias realizadas neste estudo que serão analisadas a partir das hipóteses levantadas. A primeira seção será destinada à análise da rodada entre a variante *em* versus a variante *para*, em que apresentaremos os grupos de fatores selecionados como estatisticamente relevantes, além das discussões dos resultados e do cruzamento entre as variáveis sociais sexo/gênero e escolaridade.

Já na segunda seção, discutiremos os resultados referentes à rodada binária entre as formas padrões *a/para* versus a forma não-padrão *em* e também apresentaremos as variáveis independentes selecionadas como estatisticamente relevantes e os cruzamentos realizados entre diferentes variáveis.

6.1.1 O caso da variável linguística “*Permanência*”

Em relação à variável linguística investigada *Permanência*, assim como Mollica (1996), resolvemos testá-la a fim de verificar a incidência do traço [+ permanência] previsto nas gramáticas tradicionais como destinado à preposição *para*. Para verificar se os falantes ainda preservam esta regra, os dados analisados em que as preposições *a*, *para* ou *em* foram utilizadas como regente do verbo de movimento *ir* foram submetidos à codificação por meio dos traços [+ permanência] ou [- permanência], em que o traço [+permanência] representa a ideia de fim ou maior permanência, enquanto o traço [- permanência] representa a ideia de retorno. O resultado abaixo indica a frequência de uso dessa variável independente nas entrevistas analisadas.

TABELA 7: Distribuição da variável independente [+permanência] / [-permanência] entre as preposições *a*, *para* e *em*

	A		PARA		EM	
	Aplic/Total	%	Aplic/Total	%	Aplic/Total	%
[+Permanência]	0/17	0%	17/17	100%	0/17	0%
[-Permanência]	45/574	7.8%	287/574	50%	242/574	42.2%

Observando os resultados acima, podemos constatar que a regra prescrita em muitas gramáticas tradicionais de que a preposição *para* deve acompanhar o verbo de movimento *ir* quando há ideia de maior permanência no local, continua muito presente na fala da comunidade de Vitória/ES. Tal afirmação pode ser feita pois constatamos que enquanto para o traço [- permanência] houve variação entre a escolha das três preposições *a*, *para* e *em*, a recomendação gramatical prevaleceu em 100% dos casos em que tivemos o uso da preposição *para* indicando [+ permanência], o que indica que a presença deste traço é condição suficiente para o uso absoluto da preposição *para*.

Diante dos resultados apresentados para o traço [+ permanência], em que constatamos que não houve variação na escolha da preposição, uma vez que a preposição *para* foi a utilizada em 100% dos casos, foi necessário retirar os dados que indicavam [+ permanência] da rodada de pesos relativos, uma vez que a presença destes dados na análise dos efeitos para o entendimento da variação pode influenciar, ou até mesmo falsear, os resultados de outros grupos de fatores. Abaixo a nova distribuição geral das preposições *a*, *para* e *em* nas entrevistas da amostra após retirarmos os dados que indicavam ideia de [+ permanência], pois não apresentavam variação.

TABELA 8: Resultado geral das ocorrências das preposições a/para e em na amostra portvix sem os dados de [+ permanência]

	A	PARA	EM	TOTAL
Nº	45	287	242	574
%	7.8%	50%	42.2%	100%

6.2 RESULTADOS DA RODADA DAS PREPOSIÇÕES *EM* versus *PARA*

As variáveis independentes linguísticas e sociais controladas neste trabalho e as selecionadas nesta rodada foram organizadas na tabela abaixo. A tabela a seguir apresenta as variáveis investigadas selecionadas (grifadas) na rodada entre as preposições *em* versus *para*.

QUADRO 6: Variáveis linguísticas e sociais controladas e selecionadas

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	VARIÁVEIS SOCIAIS
<u>Grau de Definitude</u>	<u>Faixa etária</u>
<u>Configuração do Espaço</u>	Sexo/gênero
Finalidade do Discurso	<u>Escolaridade</u>
<u>Narratividade do Discurso</u>	

Assim como foi exposto no quadro acima, para esta rodada foram selecionadas cinco variáveis independentes como estatisticamente relevantes, na seguinte ordem: *Faixa etária*, *Grau de Definitude*, *Narratividade do Discurso*, *Configuração do Espaço* e *Escolaridade*. Abaixo discutiremos os resultados apresentados para cada uma das variáveis independentes selecionadas como estatisticamente significativas, seguindo a ordem de relevância atribuída pelo programa utilizado neste trabalho GoldVarb X.

6.2.1 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

6.2.1.1 Grau de definitude

Para controlar esta variável independente, partimos da hipótese de que as características morfo-semântico-discursivas do N do Sprep seriam relevantes na escolha da preposição regente do verbo de movimento *ir*. Dessa maneira, assim como Mollica (1996), nossa hipótese era a de que quanto mais definido for o locativo, maior será a frequência de uso da preposição *em*. Assim como quanto mais indefinido for o referente, maior será a frequência de uso da preposição *para*, uma vez que nesses casos teríamos apenas a noção de movimento de verbo *ir*. Diferentemente do estudo realizado por Mollica (1996), para controlar esta variável linguística não retiramos os dados em que o verbo *ir* tem como regente as preposições *a* ou *para* e N é feminino, pois a amostra PortVix apresentou uma quantidade considerável de dados específicos para esse caso, e sua eliminação representaria uma grande redução no conjunto de dados da análise. A tabela abaixo mostrará os resultados apresentados para esta

variável independente com os pesos relativos apresentados em relação à escolha da preposição *em*.

TABELA 9: Influência da variável configuração do N locativo na escolha da preposição EM versus PARA

Grau de Definitude	Aplic. /Total	Frequência (%)	Peso Relativo
[- det. -def. (masculino)]	19/27	70.4 %	0.78
[+ det.+def. (masculino)]	70/140	50 %	0.54
[+ det. + def. (feminino)]	106/225	47.1 %	0.49
[- det. + def. (feminino)]	13/36	36.1 %	0.47
[- det. + def. masculino]	16/45	35.6 %	0.45
[+ det. - def. (masculino)]	08/21	38.1 %	0.39
[+ det. - def. (feminino)]	06/15	40 %	0.39
[- det. - def. (feminino)]	04/20	20%	0.22

A variável linguística *Grau de Definitude* foi a primeira variável linguística selecionada como estatisticamente relevante pelo programa GoldVarb X. Os resultados apresentados para esta variável em relação à escolha de uma das preposições, *para* ou *em*, como regente do verbo de movimento *ir* se assemelham parcialmente com a nossa hipótese inicial, uma vez que os resultados mostram que a preposição *em* está sendo mais utilizada com locativos que apresentam maior grau de definitude e seu uso diminui quando ocorre com dados que apresentam menor grau de definitude, assim como previsto em nossa hipótese inicial.

Porém, os dados que indicam que o locativo é [-det/-def (masculino)] apresentaram um comportamento diferente do esperado, com peso relativo de 0.8, favorecendo o uso da preposição *em*. Este comportamento pode ser justificado pois muitos dados codificados nesse fator apontaram o grande uso do sintagma nominal “lugar” em expressões com locativos

vagos e indefinidos que favoreciam o uso da preposição *em*. Abaixo alguns exemplos dessas expressões encontradas na amostra PortVix.

(29) “Ah, vão”, *muita gente que já ve/ me chamou assim: “ Ah vão em tal lugar:: “Ah, eu não poso ir” muita gente fala:: disfarça porque:: tipo assim:: “não porque:: tô:: eu vou Ter que resolver um problema::”*(Homem, Ensino Fundamental, 07-14 anos)

(30) (...) *o pessoal daqui ele se ABRe mais ... e enquanto você vai em outros lugares ... você sair de Vitória você ir pra:: ... e... eu diria exceção o Rio de Janeiro né? porque o pessoal de lá se caracteriza igual a gente ... mas por exemplo você pra encontrar uma amiza::de... assim de imediato em dois dias em três dias em São Paulo cê não consegue isso.* (Homem, Ensino Superior, 50 anos ou +)

Na rodada de pesos relativos, esses dados apresentaram um alto percentual de uso favorecendo a preposição *em*, uma vez que se trata de formas cristalizadas na língua, e isso fez com que esse resultado representasse um comportamento diferente do que esperávamos em relação à escala de definitude atribuída ao uso da preposição *em*.

Em suma, podemos dizer que há contextos específicos que favorecem ou inibem a seleção da preposição regente do verbo de movimento *ir*. Diante dos resultados apresentados acima, podemos constatar que os contextos em que o locativo apresenta maior grau de definitude para o falante e/ou ouvinte, favorecem a escolha da preposição *em*, enquanto os locativos que apresentam menor grau de definitude inibem seu uso. Assim como Mollica (1996, p.162), reafirmamos “a existência de reforço e complementaridade entre as variáveis *Configuração do Espaço* e *Grau de Definitude*, pois tanto um quanto outro grupo de fatores apontam o caminho de interpretar *em* como variante marcada semântico-discursiva e pragmaticamente.”

6.2.1.2 Configuração do Espaço

Para a variável independente *Configuração do Espaço*, nossa hipótese, baseada nos estudos realizados anteriormente, que também testaram esta variável, era a de que os locativos [+ fechados], ou seja, cercados e que possuem entrada definida, favoreceriam a preposição *em*. Enquanto os locativos [- Fechado], os que não se ajustam à definição anterior, favoreceriam a

preposição *para*. Abaixo estão os percentuais e os pesos relativos encontrados para esta variável independente, quanto ao uso da preposição *em*.

TABELA 10: influência da variável configuração do espaço na escolha da preposição EM versus PARA

Configuração do Espaço	Aplic. /Total	Frequência (%)	Peso Relativo
[+ Fechado]	177/349	49.2%	0.53
[- Fechado]	65/169	38.5%	0.42

De acordo com os resultados apresentados acima, podemos contatar que, assim como nos estudos desenvolvidos anteriormente por Mollica (1996), Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Wiedermer (2008), os locativos com o traço [+ Fechado] favoreceram a escolha da preposição *em*, com peso relativo de 0.53. Esses resultados comprovam nossa hipótese inicial de que os locativos com o traço [+ Fechado] favorecem a escolha da preposição *em*, enquanto os locativos com o traço [- Fechado] inibem seu uso.

Em relação aos resultados encontrados para esta variável linguística, acreditamos que a preposição *em* favoreça locativos com o traço [+ Fechado] justamente pelo fato de o seu conteúdo semântico estar relacionado à noção de interioridade, assim como discutem Cunha & Cintra (1985, p. 557) ao atribuir à preposição *em* a noção de “dentro dos limites de”.

6.2.1.3 Narratividade do Discurso

Para esta variável linguística, nossa hipótese inicial era a de que os contextos narrativos que remetam a fatos relacionados à experiências pessoais do entrevistado favoreceriam a escolha da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*, enquanto as sequências não-narrativas favoreceriam a escolha da preposição *para*. Abaixo estão os resultados percentuais e os pesos relativos obtidos para a variável *Narratividade do Discurso* em relação à escolha da preposição *em*.

TABELA 11: Influência da variável narratividade do discurso na escolha da preposição EM versus PARA

Narratividade do Discurso	Aplic. /Total	Frequência (%)	Peso Relativo
[+ Narrativo]	22/69	31.9 %	0.31
[- Narrativo]	95/215	44.2 %	0.49
[Não-narrativo]	125/245	51 %	0.56

Os resultados apresentados na tabela acima nos mostram que, diferentemente do que esperávamos, os contextos que apresentam sequências não-narrativas, favorecem a escolha da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*, com peso relativo de 0.56. Já os contextos [- Narrativos] apresentaram comportamento mais neutro, com peso relativo de .49, enquanto os contextos [+ Narrativos], que remetem a fatos da vida do entrevistado, apresentaram peso relativo de 0.31, o que indica que tais contextos específicos inibem seu uso.

Em relação aos resultados encontrados acima, que indicam os contextos de uso da preposição *em*, entende-se que mesmo essa preposição sendo considerada a forma não-padrão adotada pelas gramáticas normativas, o seu uso como regente do verbo de movimento *ir* é um fenômeno que não sofre estigma social. Vale salientar que os contextos [+ Narrativos] controlados neste estudo, foram os contextos que, segundo a estilística laboviana, fazem com que o entrevistado monitore menos a sua fala; enquanto entre os contextos [não-narrativos] controlados por esse estudo, estavam presentes em sequências que exigem maior monitoramento, como, por exemplo, as sequências argumentativas.

Diante disso, parece que não há uma avaliação negativa dos falantes do português brasileiro para a escolha de determinada preposição como regente do verbo *ir*, quando este indicar movimento. Diferentemente de fenômenos como a ausência de concordância a que se atribui forte estigma social.

6.2.1.4 Finalidade do Discurso

Para a variável linguística *Finalidade do Discurso*, consideramos a hipótese de que a preposição *em* seria mais utilizada nos casos em que há ideia de finalidade juntamente com a

preposição *para*, justamente para evitar a repetição dessa preposição, indicando ideia de movimento e finalidade em um único período.

Embora esse grupo de fatores não tenha sido selecionado como estatisticamente relevante pelo programa GoldVarb X, apresentamos na tabela abaixo os resultados percentuais encontrados para essa variável linguística com os dados retirados da amostra PortVix.

TABELA 12: Frequência de uso das preposições EM e PARA, na variável linguística finalidade do discurso

	PARA		EM	
	Aplic/Total	%	Aplic/Total	%
[+Finalidade (com <i>para</i>)	13/20	65%	07/20	35%
[-Finalidade (sem <i>para</i>)]	12/28	42.9%	16/28	57.1%
[Sem finalidade]	262/481	54.5%	219/481	45.5%

Como afirmamos anteriormente, a variável linguística *Finalidade do Discurso* não foi selecionada pelo programa como estatisticamente relevante para a análise, entretanto vale ressaltar que o resultado para os casos em que há a preposição *para* reforçando a ideia de finalidade indicou uma alta frequência de uso da preposição *para* como regente do verbo *ir*, 65% dos dados, assim como o resultado para os casos em que não há a preposição *para* reforçando a ideia de finalidade indicou uma alta frequência de uso para a preposição *em*, 57.1%. Ou seja, os casos em que há a presença da preposição *para* reforçando a ideia de finalidade, favorecem o uso da preposição *para* também como regente do verbo *ir* com sentido de movimento, o que vai de encontro a nossa hipótese inicial que previa o uso da preposição *em* com maior frequência, justamente para evitar repetições, mas que reafirma a noção de paralelismo. Em relação a este fenômeno, Scherre & Naro (1991, p. 30), em seu estudo sobre a relevância do paralelismo na concordância verbo – sujeito e predicativo – verbo, observaram que a ausência de concordância favorece outra ausência concordância no período, da mesma maneira que a concordância leva a outra concordância. Sobre este comportamento, os autores discutiram a existência de uma tendência em que marcas levam a outras marcas e constaram que “a distribuição das marcas no discurso apresenta-se

antieconômica. As marcas tendem a ocorrer exatamente onde não são necessárias e a não ocorrer onde seriam úteis, ao menos no ponto de vista do ouvinte” (Scherre & Naro, 1991, p. 30).

6.2.2 VARIÁVEIS SOCIAIS

6.2.2.2 Escolaridade

A variável social *Escolaridade* também foi selecionada como estatisticamente relevante para o fenômeno investigado por este trabalho. Para este grupo de fatores, nossa hipótese inicial era a de que a preposição *para* seria utilizada com maior frequência por informantes que possuíssem maior grau de escolaridade, enquanto a forma não-padrão *em* seria utilizada por informantes menos escolarizados. Abaixo serão apresentados os percentuais encontrados para essa variável independente.

TABELA 13: influência da variável escolaridade na escolha da preposição EM versus PARA

Escolaridade	Aplic. /Total	Frequência (%)	Peso Relativo
Fundamental	113/206	54.9 %	.57
Médio	73/167	43.7%	.49
Superior	56/156	35.9 %	.41

Observando os resultados acima, fica evidente que os falantes menos escolarizados utilizam mais a preposição *em*, forma considerada não-padrão pela tradição gramatical, do que os falantes mais escolarizados. Os resultados nos mostram um distanciamento entre os pesos relativos obtidos para os falantes mais escolarizados, que possuem nível superior, de 0.41, o que inibe seu uso, e os dos menos escolarizados, que possuem apenas nível Fundamental de 0.57, o que favorece seu uso. Acreditamos que estes resultados ocorram pois a regência dos verbos, dentre eles a do verbo de movimento *ir*, não é um assunto trabalhado no início do Ensino Fundamental, uma vez que se trata de um tema geralmente ensinado apenas no 9º ano

do Ensino Fundamental, ou seja, no último ano do segundo ciclo do Ensino Fundamental. Vale ressaltar que em relação ao fenômeno de regência verbal, especificamente do verbo investigado por este estudo, Votre (2003, p. 54) sublinha que “é ensinado na escola de forma assistemática, mas constante, com lembretes do tipo: *vou ao dentista*, e não: *vou no dentista*; *vou ao médico*, e não: *vou no médico*.”

Os resultados discutidos para esta variável social reafirmam a influência da variável *Escolaridade* na promoção, ou resistência, à mudança linguística. Dessa maneira, entendemos que o nível de escolaridade dos falantes da comunidade de fala capixaba ainda desempenha um papel crítico relacionado ao uso da forma não-padrão.

6.2.2.1 Faixa Etária

Para investigarmos a variável social *Faixa etária*, consideramos a hipótese de que os informantes mais velhos utilizarão com maior frequência a preposição *para*, enquanto os informantes mais novos utilizarão a forma não-padrão *em*. A tabela abaixo apresenta os resultados encontrados para esta variável independente

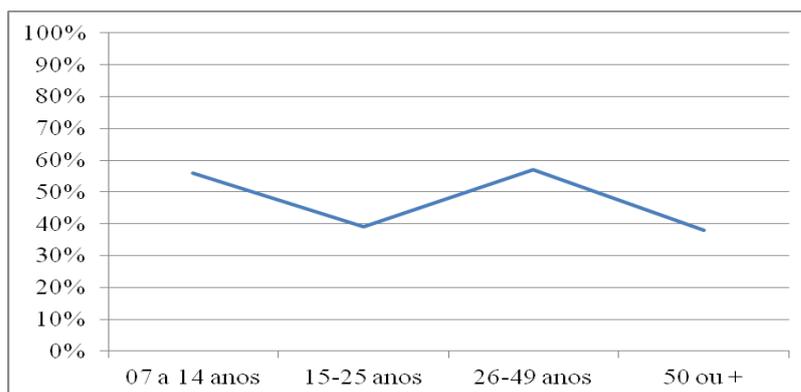
TABELA 14: Influência da variável faixa etária na escolha da preposição EM versus PARA

Faixa Etária	Aplic. /Total	Frequência (%)	Peso Relativo
07-14	49/86	57 %	0.55
15-25 anos	73/188	38.8 %	0.44
26-49 anos	69/122	56.6 %	0.59
50 ou +	51/133	38.3 %	0.46

Os resultados acima nos mostram que as faixas etárias 26-49 anos e 07-14 favorecem a escolha da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir* com pesos relativos de 0.59 e 0.55, respectivamente. Enquanto as faixas etárias 50 ou + e 15-25 anos, que apresentaram respectivamente pesos relativos de 0.46 e 0.44, inibem o uso dessa preposição. Vale ressaltar que, apesar da distância entre as faixas etárias 26-49 anos e 07-14 e as faixas etárias 50 ou + e 15-25 anos, há um comportamento muito semelhante entre elas em relação à

escolha da preposição *em*. Esta semelhança pode ser observada através dos pesos relativos e dos percentuais encontrados para cada uma delas. O gráfico mostrará o comportamento desta variável em relação ao fenômeno aqui investigado.

GRÁFICO 5: Comportamento da variável faixa etária no uso da preposição *EM*



De um modo geral, o gráfico acima sugere que existem grupos de falantes que favorecem o uso da preposição *em* como regente do verbo *ir* indicando movimento, da mesma forma que há grupos de falantes que evidenciam um padrão de eliminação da forma. Em uma análise diacrônica, é comum considerarmos o “surgimento” ou o “desaparecimento” de uma determinada forma na língua. Entretanto, existem cenários em que a comunidade de fala caminha em diferentes direções.

A análise curvilínea acima, em relação ao uso da preposição *em* como regente do verbo *ir*, em diferentes faixas etárias, sugere que há um decréscimo na frequência de uso dessa preposição no grupo de falantes entre 15-25 anos. Em relação a este quadro, acreditamos que esse indicativo de baixa frequência de uso da forma não-padrão ocorra graças ao fato de que tal grupo está em fase escolar e já teve contato com a norma de regência dos verbos, prescrita pela tradição gramatical. Diante disso, pode-se dizer que se trata de um fenômeno que sofre “estigma” apenas no ambiente escolar, em que se enfatiza a cobrança para que sejam empregadas as formas recomendadas pela gramática normativa.

Os resultados acima indicam que é possível encontrar fluxos e contra fluxos envolvendo variação linguística na comunidade de fala capixaba. Enquanto os falantes mais novos, de faixa etária entre 07-14 anos, favorecem o uso da preposição *em* como regente do verbo *ir*,

por se tratar de uma forma inovadora, os falantes que estão em fase escolar, e que já tiveram contato com o conteúdo referente à regência dos verbos, inibem seu uso.

Da mesma forma que, enquanto os falantes que já estão no mercado de trabalho, utilizam a preposição *em* com alta frequência, por não se tratar de fenômeno que sofre estigma social, os falantes mais velhos, de faixa etária equivalente a 50 anos ou +, não utilizam tal preposição com tanta frequência, por se tratar da forma inovadora de regência do verbo *ir* com sentido de movimento. Assim como Scherre e Naro (1991, p.15), reafirmamos a existência de fluxos e contra fluxos em estudos diacrônicos, e conseqüentemente sincrônicos, pois também constatamos que “o que está mudando para algumas pessoas, pode estar estável para outras e o que está aumentando para alguns, pode estar diminuindo para outros. Para algumas pessoas o mercado de trabalho pode ter efeito, enquanto o sistema escolar pode influenciar outras.”

6.2.2.3 Sexo/Gênero

Para analisar a variável social *sexo/gênero*, consideramos a hipótese de que as mulheres utilizaram a preposição *em* com menos frequência, por se tratar da forma não recomendada pela tradição gramatical. Abaixo os percentuais encontrados para a variável *sexo/gênero* na amostra PortVix.

TABELA 15 : Frequência da variável social sexo/gênero para as preposições EM e PARA

	PARA		EM	
	Aplic/Total	%	Aplic/Total	%
Feminino	159/300	53%	141/300	47%
Masculino	128/229	55.9%	101/ 229	44.1%

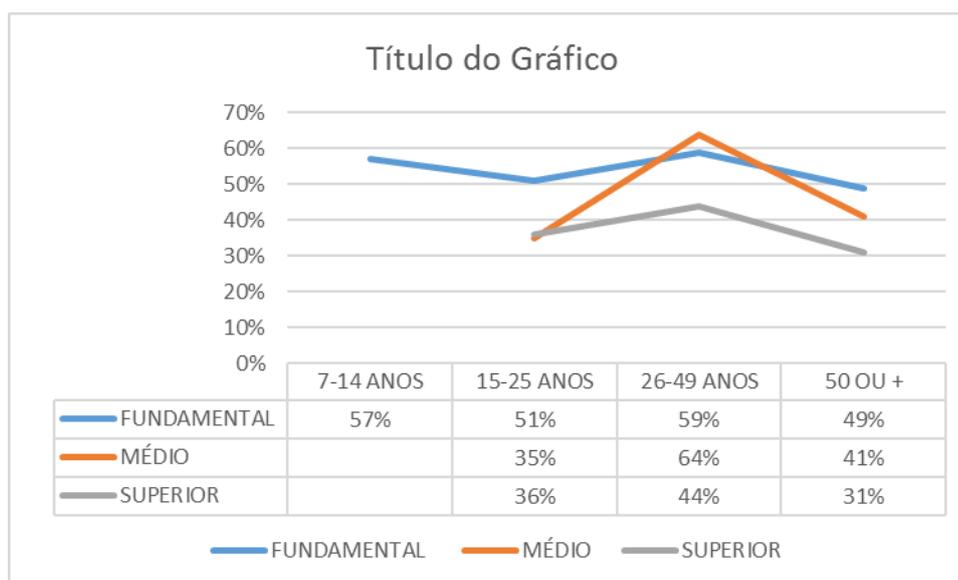
A variável *sexo/gênero* não foi selecionada pelo programa como estatisticamente relevante para a análise em questão. Ao analisar os percentuais encontrados para esta variável, percebemos um comportamento semelhante quanto a seleção da preposição regente do verbo de movimento *ir* tanto para o *sexo/gênero* feminino, quanto para o *sexo/gênero* masculino. Em ambos os casos a preposição *para* foi a preposição utilizada com mais frequência, seguida da preposição *em*. Esse comportamento não ratifica a nossa hipótese inicial de que o

sexo/gênero feminino usaria a preposição *em* com menos frequência que o sexo/gênero masculino, pois em ambos dos casos podemos observar uma tendência, com percentuais semelhantes, quanto a seleção da preposição regente do verbo *ir*.

6.2.3 CRUZAMENTO ENTRE AS VARIÁVEIS SOCIAIS FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIDADE

Diante dos resultados encontrados na rodada entre as preposições *em versus para*, decidimos investigar ainda mais a relevância das variáveis sociais *Faixa etária* e *Escolaridade* para o fenômeno de variação entre as preposições regentes do verbo *ir* com sentido de movimento. Diante disso, procuramos correlacionar tais variáveis, a fim de observar o comportamento da faixa etária dos informantes, quando combinado com o grau de escolaridade dos mesmos.

GRÁFICO 6: Uso da preposição *em* nas diferentes faixas etárias e nos diferentes níveis de escolaridade



O gráfico acima ilustra o comportamento dos falantes da cidade de Vitória- ES, em relação à seleção da preposição regente do verbo *ir*, de acordo com suas respectivas faixas etárias e seu nível de instrução. Inicialmente, vale enfatizar a alta frequência de uso da preposição *em* entre os falantes mais jovens, que apresentam faixa etária entre 07 e 14 anos. Tal frequência tem uma queda conforme os indivíduos aumentam o seu nível de escolaridade, como podemos observar entre os falantes de 15 a 25 anos, que passam do nível Fundamental para o nível Médio. Vale ressaltar que no nível Médio, a frequência de uso da preposição *em* diminuiu

bastante, o que ratifica a ideia de que a escola exerce um papel fundamental nesse momento, uma vez que, geralmente, é no último ano do Ensino Fundamental que os indivíduos têm contato com o conteúdo de regência dos verbos. Dessa mesma forma, podemos observar que entre os falantes de 50 anos, ou mais, a frequência de uso da preposição *em* nos indivíduos mais escolarizados também é baixa. Esse comportamento serve para reafirmar a importância do ambiente escolar e do grau de escolaridade na seleção da preposição regente do verbo, neste caso, o verbo *ir*. Em suma, podemos dizer que o cruzamento entre as variáveis sociais acima indica que os indivíduos mais novos e menos escolarizados utilizam preferem a preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*, da mesma maneira que os indivíduos mais velhos e com maior nível de escolaridade utilizam a forma não-padrão com menos frequência. Esse comportamento pode ser observado no gráfico acima, em que os indivíduos passam a utilizar com menos frequência a preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir* quando se tornam mais escolarizados.

Os resultados indicam que, além da faixa etária, a variável social escolaridade exerce um papel muito importante em relação ao uso, ou não, de determinada forma como regente do verbo de movimento *ir*.

6.3 RESULTADOS DA RODADA DAS PREPOSIÇÕES *EM* versus *A/PARA*

Assim como foi apresentado na seção anterior, nesta seção também organizamos as variáveis independentes controladas e selecionadas em relação à rodada entre a forma não-padrão *em* versus as formas padrões *a/para*. A tabela a seguir apresenta as variáveis independentes controladas nesta rodada e as selecionadas pelo programa GoldVarb X como estatisticamente relevantes. Vale salientar que nessa rodada foram selecionadas apenas variáveis sociais, *Faixa etária* e *Escolaridade*, nessa ordem, como estatisticamente relevantes.

QUADRO 7: Variáveis independentes controladas e selecionadas

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	VARIÁVEIS SOCIAIS
Grau de Definitude	<u>Faixa etária</u>
Configuração do Espaço	Sexo/gênero
Finalidade do Discurso	<u>Escolaridade</u>
Narratividade do Discurso	

6.3.1 VARIÁVEIS SOCIAIS SELECIONADAS

6.3.1.1 Faixa Etária

Para esta variável, estamos considerando a hipótese de que os informantes mais velhos utilizarão as preposições *a/para* com maior frequência, justamente por se tratar de formas reconhecidas pela tradição gramatical; enquanto os informantes mais novos utilizarão a preposição *em*, tendo em vista que esta preposição é considerada a forma inovadora como regente do verbo de movimento *ir*. A tabela a seguir apresentará os resultados obtidos para a variável independente *Faixa etária*, na rodada entre as preposições *em* versus *a/para*.

TABELA 16: Influência da variável faixa etária na escolha da preposição em

Faixa Etária	Aplic. /Total	Frequência (%)	Peso Relativo
07-14 anos	49/91	53.8 %	0.55
15-25 anos	73/201	36.3 %	0.44
26-49 anos	69/132	52.3 %	0.60
50 ou +	51/150	34 %	0.44

Os resultados apresentados acima, comparando o uso da forma não-padrão *versus* o uso das formas reconhecidas como padrão pela gramática normativa, reafirmam a existência de fluxos e contra fluxos nas análises diacrônica.

Os pesos apresentados acima para cada uma das faixas etárias também confirmam o fato de que o uso da preposição *em* como regente do verbo *ir*, com sentido de movimento, tem sua frequência reduzida pelos falantes entre 15-25 anos, que estão em fase escolar e que já tiveram contato com o conteúdo de regência dos verbos. Em relação ao peso relativo 0.44, obtido para esse fator, acreditamos que pode estar correlacionado com a função social que a escola exerce, como promotora das normas recomendadas pela tradição gramatical e, conseqüentemente, pelos falares típicos dos setores mais intelectualizados da sociedade.

Assim como o resultado encontrado para o grupo de falantes entre 15-25 anos, o peso relativo 0.44 obtido para os falantes que possuem faixa etária equivalente a 50 ou + também inibe o uso da preposição *em* como regente do verbo *ir* com sentido de movimento. Em relação a esse resultado, acreditamos que indica que os falantes mais velhos ainda conservam as formas reconhecidas como “padrões” pela tradição gramatical.

6.3.1.2 Escolaridade

Para este grupo de fatores, testaremos o uso da forma não-padrão *versus* a forma considerada padrão pela tradição gramatical. Em relação a esta variável social, nossa hipótese era a de que as preposições *a/para*, consideradas como formas padrões, seriam mais utilizadas por falantes que possuíssem maior grau de escolaridade, da mesma maneira que a preposição *em* seria empregada com maior frequência por informantes que apresentassem menor nível de escolaridade. Abaixo serão apresentados os resultados encontrados para essa variável independente na rodada entre as preposições *em* versus *a/para*.

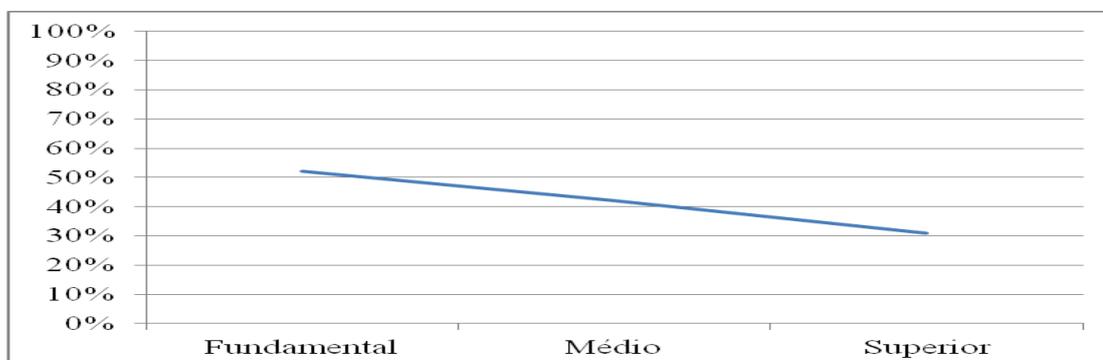
TABELA 17: Influência da variável escolaridade na escolha da preposição *em* versus *a/para*

Escolaridade	Aplic. /Total	Frequência (%)	Peso Relativo
Fundamental	112/217	51.6%	0.57
Médio	73/173	42.2%	0.51
Superior	56/178	31.5%	0.39

Os resultados acima reafirmam a importância da variável social *Escolaridade* para analisar fenômenos considerados não-padrão pela gramática normativa. De acordo com os pesos relativos apresentados para cada nível de escolaridade, percebe-se o decréscimo na frequência de uso da preposição *em*, enquanto o grau de escolaridade aumenta. Ou seja, quanto maior é o nível de escolaridade do informante, menor é a frequência de uso da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*.

Tal afirmação pode ser feita, pois os estudantes que possuem apenas o nível fundamental apresentaram peso relativo de 0.57, o que favorece o uso da variante *em* como regente do verbo de movimento *ir*, ao passo que quando o nível de escolaridade dos informantes aumenta, esse uso diminui, como pode ser constatado através dos pesos atribuídos aos estudantes que possuem Ensino Médio, de 0.51, e aos estudantes de nível Superior, com 0.39, menor peso relativo, o que indica que este nível de escolaridade inibe o uso dessa preposição. O gráfico abaixo mostrará o comportamento desta variável social quanto ao uso da preposição *em* nos diferentes níveis de escolaridade da amostra PortVix.

GRÁFICO 7: Comportamento da variável social escolaridade no uso da preposição EM

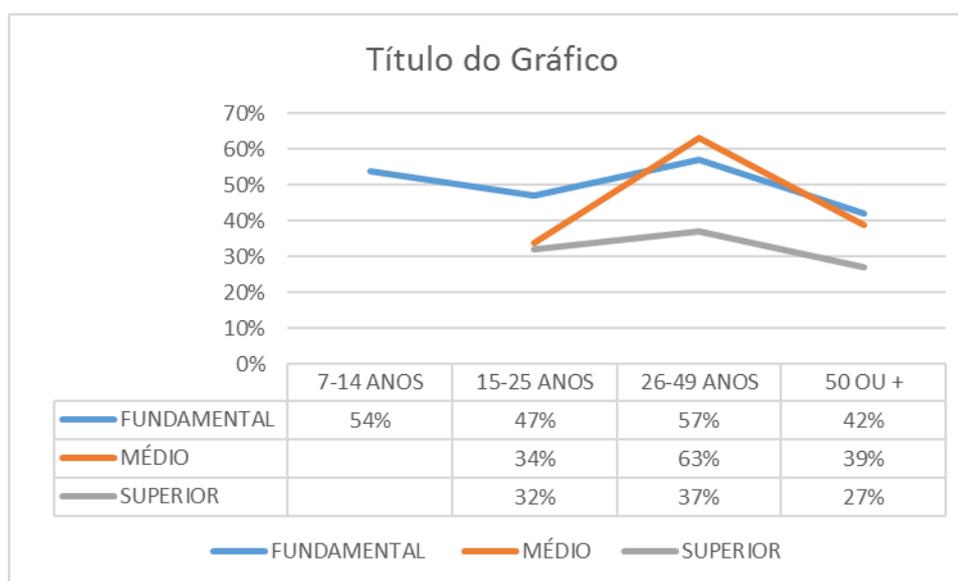


Estes resultados confirmam o que foi proposto por Mollica (1996, p. 285), ao afirmar que “a escolarização desempenha papel social preponderante sobre a seleção das duas variantes padrão (*a* e *para*), em detrimento da variante não-padrão (*em*)”.

6.3.2 CRUZAMENTO ENTRE AS VARIÁVEIS SOCIAIS FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIDADE

Sabe-se da grande importância das hipóteses clássicas labovianas para as variáveis sociais *Sexo/gênero*, *escolaridade* e *faixa etária* (2008[1972]). Como na rodada entre as preposições *em versus a/para* foram selecionadas como estatisticamente relevante apenas variáveis sociais, o que mostra a relevância dessas variáveis para a análise do fenômeno em questão, decidimos realizar um cruzamento entre as variáveis sociais *faixa etária* e *escolaridade* para observar o comportamento da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir* em diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade. Além disso, é importante para uma análise variacionista avaliar a relação de diferentes variáveis sociais combinadas, para observar o comportamento dessas em relação ao fenômeno discutido.

GRÁFICO 8: Uso da preposição em nas diferentes faixas etárias e nos diferentes níveis de escolaridade



O gráfico acima nos mostra o comportamento da relação entre as variáveis sociais *faixa etária* e *escolaridade* com falantes da cidade de Vitória/ES. Podemos observar que os indivíduos entre 07-14 anos, que estão no nível Fundamental utilizam a preposição *em* com mais frequência, como regente do verbo de movimento *ir*, do que as preposições *a* e *para*, recomendadas pela gramática normativa. Nota-se que, ao passo que tais indivíduos se tornam mais escolarizados, a frequência de uso da preposição *em* como regente do verbo de

movimento *ir* diminui, como podemos observar entre os indivíduos de 15-25 anos, que passam do nível Fundamental para o nível Médio.

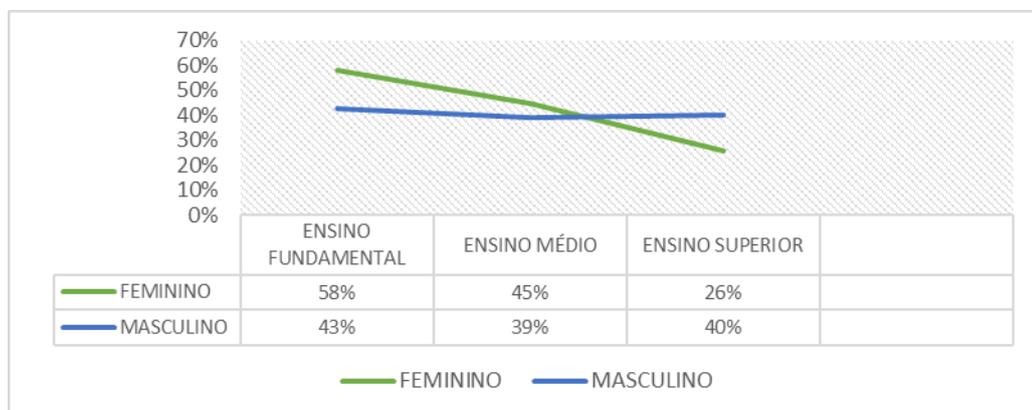
Esse mesmo comportamento pode ser observado entre os indivíduos que possuem 50 anos, ou mais. Assim como os mais menos escolarizados preferem utilizar a preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*, os mais escolarizados utilizam tal preposição com menor frequência. Tal comportamento ratifica a hipótese clássica de Labov (2008[1972]) para a variável social escolaridade de que o uso da variante padrão tende a estar associado ao grau de escolaridade do informante (VOTRE in MOLLICA; BRAGA, 2012).

6.3.3 CRUZAMENTO ENTRE AS VARIÁVEIS SOCIAIS SEXO/GÊNERO E ESCOLARIDADE

A fim de analisar melhor a influência das variáveis sociais no fenômeno de variação entre as preposições *a*, *para* e *em*, estudado nesta pesquisa, realizamos um cruzamento entre as variáveis sociais *Sexo/gênero* e *Escolaridade*, para determinar a frequência de uso da preposição *em* tanto no sexo/gênero feminino, quanto no masculino e, assim, verificar se estes grupos de fatores sociais, quando combinados, influenciam na escolha da preposição *em* como regente do verbo *ir* com sentido de movimento.

O gráfico abaixo apresenta os resultados encontrados após realizarmos o cruzamento entre as variáveis *Sexo/gênero* e *Escolaridade*. Vale ressaltar que nesta rodada estamos considerando a preposição *em*, considerada não-padrão pela tradição gramatical, *versus as* preposições *a* e *para*, reconhecidas gramaticalmente como formas padrões.

GRÁFICO 9: Uso da preposição EM nas diferentes faixas etárias e nos diferentes níveis de escolaridade



Os resultados acima nos mostram que o sexo/gênero feminino apresenta um comportamento diferente em relação à escolha da preposição *em*, como regente do verbo de movimento *ir*, de acordo com o grau de escolaridade que possui. Podemos observar que quanto menor é o grau de escolaridade, maior é a frequência de uso da preposição *em*, ao passo que quanto maior é o nível de escolaridade, menor é a frequência de uso dessa preposição. No sexo/gênero masculino não há uma variação tão marcada em relação ao uso da preposição *em*, quando correlacionado com o nível de escolaridade. Para esse tipo de comportamento, Paiva (2013) afirma que

(...) a maior consciência feminina ao *status* social das formas linguísticas pode ser atribuída também ao maior formalismo associado aos papéis femininos e ao fato de a posição da mulher na sociedade estar menos assegurada do que a do homem. Tal formalismo, transferido para as situações interacionais vivenciadas pela mulher, se traduz na necessidade de resguardar a face e de manifestar um comportamento que garanta sua aceitação social. (Paiva, 2013, p. 40)

Também podemos observar que a preocupação do sexo/gênero feminino em não utilizar a forma considerada não-padrão pela gramática normativa aumenta junto com o seu nível de escolaridade. Ou seja, há uma relação entre o nível de escolaridade do sexo/gênero feminino com a preocupação em utilizar mais a forma padrão como regente do verbo de movimento *ir*, justamente pelo fato de que sua posição na sociedade está menos assegurada do que a dos homens.

Dessa maneira, o cruzamento entre as variáveis sociais *Sexo/gênero* e *Escolaridade* nos permite fazer uma descrição mais completa e interpretações mais adequadas do processo de variação entre as preposições regentes do verbo de movimento *ir*. Os resultados acima reafirmam o que a teoria sociolinguística tem apresentado em relação ao comportamento do sexo/gênero feminino diante de fenômenos variáveis, em que temos o favorecimento da forma estabelecida gramaticalmente como padrão.

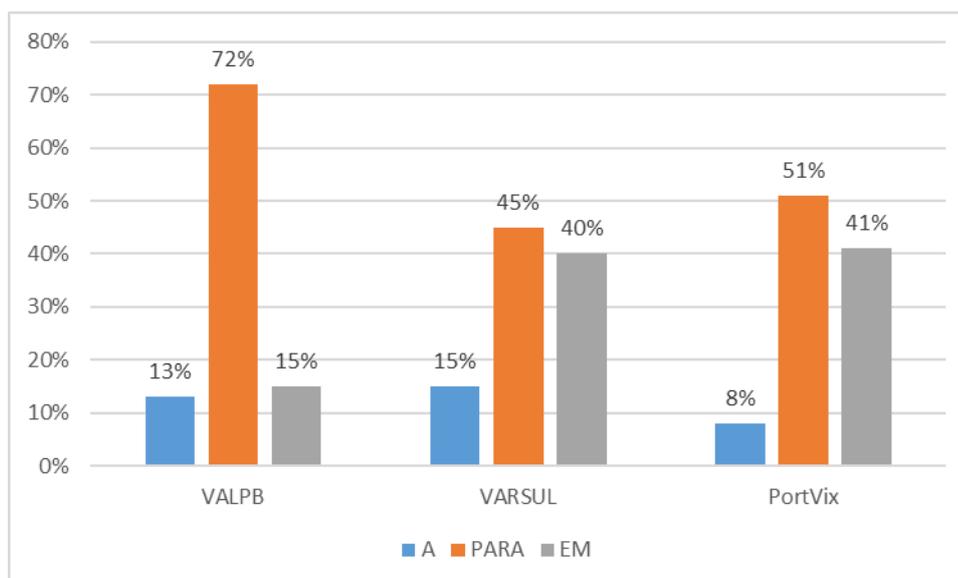
7 COMPARAÇÃO ENTRE OS RESULTADOS ENCONTRADOS SOBRE A VARIAÇÃO NA REGÊNCIA DO VERBO DE MOVIMENTO IR EM DIFERENTES ESTUDOS

Neste capítulo compararemos os resultados encontrados na análise sobre o fenômeno de variação entre as preposições *a*, *para* e *em*, como regentes do verbo *ir* com sentido de movimento, utilizando como *corpus* a amostra PortVix, com os resultados encontrados em estudos desenvolvidos anteriormente, sobre o mesmo fenômeno, realizados por Mollica (1996), Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Wiedemer (2008).

7.1 FREQUÊNCIA DE USO DAS PREPOSIÇÕES REGENTES DO VERBO DE MOVIMENTO IR NAS DIFERENTES AMOSTRAS

Um dos objetivos deste trabalho é comparar os resultados encontrados nesta pesquisa com os resultados de pesquisas da mesma linha realizados em outras regiões do Brasil, tais como: Mollica (1996), Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Wiedemer (2008), a fim de analisar o comportamento do fenômeno investigado, em diferentes *corpora* e, assim, tentar traçar um perfil linguístico para cada comunidade. Diante disso, abaixo mostraremos a frequência de uso de cada uma das preposições utilizadas como regentes do verbo *ir* com sentido de movimento nos diferentes estudos desenvolvidos no país sobre tal fenômeno.

GRÁFICO 10: Frequência geral de uso das preposições *a*, *para* e *em* como regentes do verbo de movimento IR



Os percentuais acima nos mostram que em todas as amostras a preposição *para* foi a preposição com maior frequência de uso como a forma regente do verbo de movimento *ir*, sendo que, enquanto nas amostras VARSUL e PortVix esse comportamento foi bem semelhante, 45% e 51%, respectivamente, na amostra VALPB essa variante obteve um índice muito maior, 72%. Esses percentuais indicam que, de um modo geral, a preposição *para* é a forma mais utilizada como regente do verbo *ir*, com sentido de movimento, sendo mais favorecida ainda entre os falantes de João Pessoa.

Outra questão que chama bastante a atenção nos percentuais de uso encontrados para as preposições regentes do verbo de movimento *ir*, é o índice atribuído à preposição *a* como regente desse verbo. Devemos lembrar que tal preposição é a forma recomendada pela tradição gramatical como regente do verbo de movimento *ir*, entretanto essa forma vem perdendo cada vez mais espaço para as preposições *em* e *para*, como pode ser observado nas diferentes amostras analisadas. Tal afirmação pode ser justificada se observarmos a frequência de 13% atribuída à preposição *a* na amostra VALPB, o que se manteve próxima à frequência dessa mesma preposição na amostra VARSUL, 15%, mas que teve uma queda considerável na amostra PortVix 7.6%. Além de ser a preposição com o menor índice de frequência das três preposições que atuam como regentes do verbo de movimento *ir*, podemos afirmar, também, que a preposição *a* vem perdendo espaço ao longo do tempo se considerarmos que a amostra PortVix é a amostra mais recente das três amostras analisadas acima, desenvolvida no início dos anos 2000, enquanto a amostra VARSUL foi desenvolvida entre 1988 a 1996.

Outro fato que chama bastante a atenção nessa comparação entre diferentes amostras é o índice de frequência da preposição *em*, forma gramaticalmente considerada não-padrão que se diferem bastante em termos de frequência de uso. Ao observarmos a frequência dessa preposição nas três amostras, vemos que na amostra de João Pessoa a preposição *em* obteve índice de frequência de apenas 15%, diferente dos percentuais encontrados nas amostras de Santa Catarina e Vitória. Nessas, a preposição *em* mostrou um crescimento na sua frequência de uso, 40% e 40.9% respectivamente, o que também afirma que tal forma está ganhando cada vez mais espaço como preposição regente do verbo de movimento *ir*, mesmo sendo considerada não-padrão.

Ao realizarmos essa comparação entre os percentuais obtidos para cada preposição nas diferentes amostras, e sem considerar nenhuma variável independente associada ao uso das

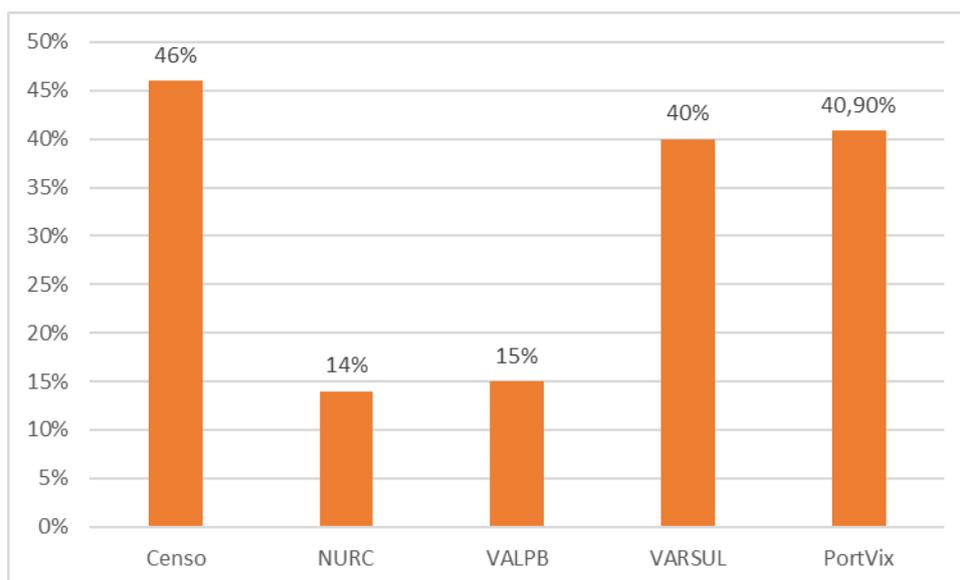
preposições, podemos perceber que existe uma competição entre as preposições *para* e *em* como regentes do verbo de movimento *ir*. Além disso, os percentuais encontrados para a preposição *a* nas diferentes amostras analisadas confirmam o processo em curso de recuo dessa preposição como regente do verbo de movimento *ir* no Português Brasileiro.

7.2 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA PREPOSIÇÃO *EM* COMO REGENTE DO VERBO *IR* NAS DIFERENTES AMOSTRAS

Nesta seção, analisaremos o comportamento da forma não-padrão *em* nos diferentes estudos sobre o fenômeno de variação na regência do verbo de movimento *ir*, dentre eles: Mollica (1996) – estudou essa variante na fala carioca; Ribeiro (1996) – estudou a incidência dessa variante apenas com falantes de nível Superior do Rio de Janeiro; Vallo – estudou a variante *em* na fala de João Pessoa (2003) e Wiedemer (2008) – estudou essa variante na fala de Santa Catarina. Posteriormente compararemos os resultados com os obtidos para essa variante em nossa pesquisa, realizada com falantes da cidade de Vitória/ES.

Esta análise mostrará o comportamento da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir* nas diferentes pesquisas desenvolvidas ao longo do tempo, em regiões do país. Abaixo o gráfico com a frequência de uso da preposição *em* nos diferentes estudos realizados no Brasil.

GRÁFICO 11: Frequência de uso da preposição *EM* nos estudos realizados no Brasil



O gráfico acima indica que os resultados da frequência de uso da preposição *em*, encontrados por Mollica (1996) e Wiedemer (2008) se aproximaram dos resultados encontrados em nosso estudo, com os falantes da cidade de Vitória/ES.

Essa proximidade pode ser observada ao compararmos os percentuais encontrados em cada pesquisa, no qual no estudo realizado por Mollica (1996), a preposição *em* obteve índice de 46%; no estudo realizado por Wiedemer, obteve 40% e, neste estudo, realizado com falantes capixabas, a preposição *em* obteve 40.9% de frequência de uso como regente do verbo de movimento *ir*. Estes resultados, além de indicarem a alta frequência na seleção da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*, nos mostra a semelhança entre o dialeto carioca, o catarinense e o capixaba, em relação à escolha da variante *em* como regente do verbo de movimento *ir*.

Diferentemente dos resultados encontrados acima, no estudo realizado por Vallo (2003) com falantes de João Pessoa, a preposição *em* obteve um índice de frequência muito baixo comparado aos resultados encontrados nas outras pesquisas. Na amostra VALPB, a preposição *em* obteve apenas 15% da frequência de uso como regente do verbo de movimento *ir*, o que indica a diferença entre os falantes dessa comunidade em relação à escolha da forma não-padrão *em*. Entretanto, tal resultado se assemelha ao percentual encontrado por Ribeiro (1996), com falantes do nível superior do Rio de Janeiro. Em seu estudo, o autor também encontrou um índice de frequência muito baixo para a preposição *em*, apenas 14%, mas atribuiu tal resultado “à pressão da norma, a que estão sujeitos os informantes da pesquisa” (RIBEIRO, 1996, pag. 53).

Ao compararmos esses dois índices de frequência, podemos observar a proximidade entre os percentuais encontrados por Ribeiro (1996) e Vallo (2003), o que indica que, assim como os informantes cariocas que possuem o 3º Grau, os falantes da cidade de João Pessoa não utilizam com tanta frequência a forma não-padrão *em* como regente do verbo de movimento *ir*.

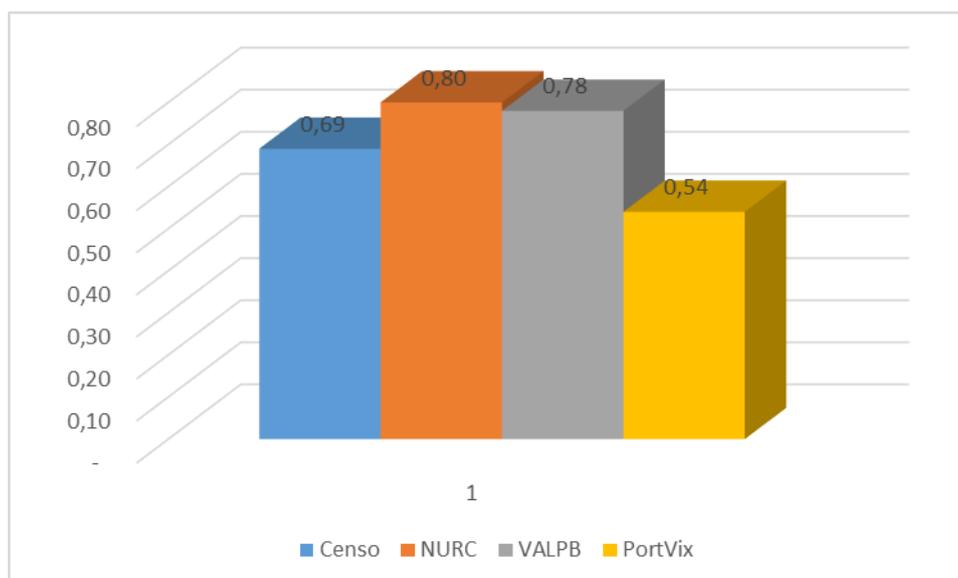
7.3 COMPARAÇÃO GERAL ENTRE OS RESULTADOS RELEVANTES PARA O FENÔMENO INVESTIGADO

Os resultados encontrados em cada estudo realizado sobre o fenômeno de variação na regência do verbo de movimento *ir* servem para nos ajudar a entender o comportamento das variantes *a*, *para* e *em*, quando utilizadas como regente do verbo de movimento *ir*, além de nos ajudar a entender melhor esse fenômeno presente no Português Brasileiro. A seguir, discutimos os principais resultados obtidos através das variáveis independentes investigadas em nossa pesquisa e comparamos cada resultado com as pesquisas desenvolvidas por Mollica (1996), Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Wiedemer (2008)

7.3.1 Grau de Definitude

O grau de definitude do nome locativo também apresentou resultados semelhantes, em partes, neste estudo e nos estudos desenvolvidos sobre a variação na regência do verbo de movimento *ir* no Brasil. De modo geral, podemos afirmar que a maior definitude do locativo favorece o uso da preposição *em*, ao passo que, quanto menor é a definitude do locativo, ou seja, quanto mais vago é o referente, menor é a probabilidade de ocorrência dessa preposição como podemos evidenciar no gráfico a seguir:

GRÁFICO 12: Confronto entre os resultados para o fator [+det/+ def] da variável Grau de Definitude na aplicação da forma não-padrão em



Ao confrontarmos os nossos resultados referentes à variável linguística *Grau de Definitude* com os resultados encontrados por Mollica (1996), Ribeiro (1996) e Vallo (2003), observamos que os resultados obtidos nesses trabalhos, em relação à seleção da preposição *em* para o fator [+det/+def], ratificaram o que encontramos em nosso estudo. Em relação à ocorrência da preposição *em* nos locativos [+det/ +def], enquanto nosso estudo obteve peso relativo para essa variante de .54, Ribeiro (1996) encontrou um peso relativo de .80, Mollica (1996) um peso de .69 e Vallo (2003) .78, o que indica que essa variante está sendo favorecida nesses locativos. Vale salientar que nosso estudo não obedeceu a hierarquia dos pesos encontrados nos diferentes estudos que investigaram essa variável linguística quanto ao fator [-det/-def (masculino)], pois em vários dados codificados para esse fator tivemos o sintagma nominal “lugar”, em expressões com locativos vagos e indefinidos, que favoreceram o uso da preposição *em*. Vale ressaltar que, diferente dos demais estudos que analisaram essa variável linguística, em nossa pesquisa separamos os dados masculinos e femininos a fim de controlar, também, o gênero referente ao locativo.

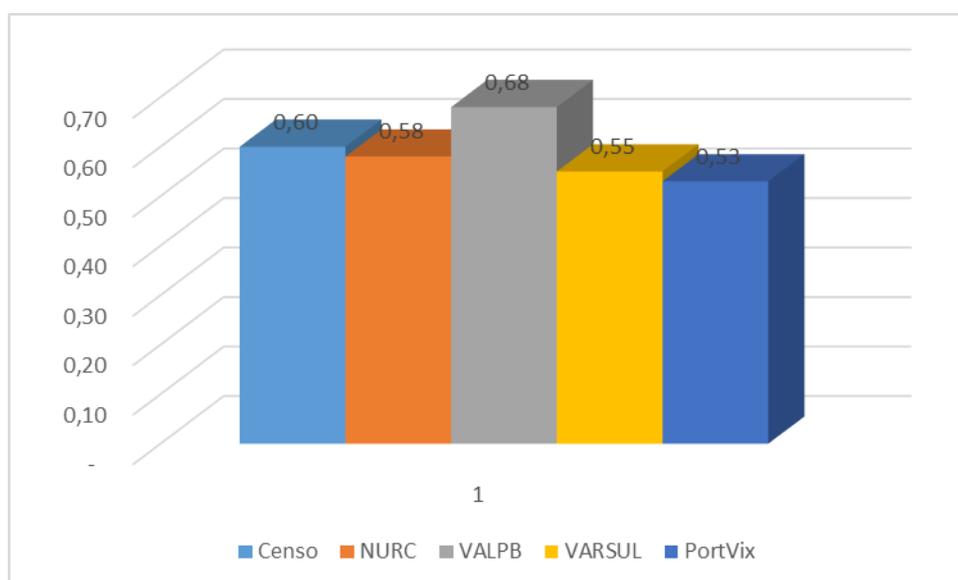
De forma geral, a hierarquia dos resultados encontrados em nosso estudo corroboram os diferentes trabalhos realizados sobre o mesmo fenômeno na região Nordeste, com a fala pessoense, por Vallo (2003, pag. 62-66) e na região Sudeste, com a fala carioca, como o de Mollica (1996, pag.161- 162) e Ribeiro (1996, pag. 56-57).

7.3.2 Configuração do Espaço

A variável linguística *Configuração do Espaço* foi investigada, inicialmente, por Mollica (1996) e, posteriormente, por Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Wiedemer. A importância dessa variável para a análise das preposições regentes do verbo de movimento *ir* dá-se justamente “pois leva em conta os traços semânticos do nome locativo, núcleo do Sprep.” (Mollica, 1996, pag. 154).

A hipótese central para essa variável linguística nos estudos realizados com diferentes amostras, é a de que a preposição *em* possui, além da noção de movimento quando empregada junto ao verbo *ir*, o sentido “estar dentro”. Por esse motivo, tal preposição seria mais utilizada em locativos classificados com o traço [+fechado], pois o recinto seria mais demarcado. Abaixo os resultados encontrados em nossa pesquisa e nos diferentes estudos realizados no Brasil, para essa variável linguística.

GRÁFICO 13: Confronto entre os resultados do fator [+ fechado] da variável Configuração do Espaço na aplicação da forma não-padrão em



A variável linguística *Configuração do Espaço* apresentou um comportamento muito semelhante em relação aos resultados encontrados nos estudos que investigaram essa variável. É possível observar, em relação à variante não-padrão *em*, a proximidade entre os pesos relativos nas diferentes pesquisas, o que indica uma tendência de associar a preposição *em* a locativos mais demarcados.

Os resultados encontrados por Mollica (1996), em relação à variante *em*, confirmaram a hipótese central de que essa variante seria associada com maior frequência a locativos que apresentassem o traço [+fechado]. Segundo a autora, os resultados encontrados em sua pesquisa “apoiam a hipótese segundo a qual a emergência de *em* associa-se a determinado traço semântico de N de Sprep com o qual a preposição acrescenta o valor significativo de “estar dentro” além do previsto de “movimento”. (Mollica, 1996, pag. 157).

Quando confrontamos os resultados encontrados em nossa pesquisa e por Mollica (1996), com os resultados dos estudos desenvolvidos por Ribeiro (1996), Vallo (2003) e Wiedemer (2008), também constatamos o que foi discutido inicialmente pela autora quanto à variável linguística *Configuração do Espaço*. Assim como em nosso estudo, os resultados encontrados nas diferentes amostras que investigaram essa variável linguística, apontaram que “o nexos preposicional *em* emerge, mais provavelmente, se o nome do lugar ligado ao verbo *ir* refere-se a espaço claramente delimitado.” (Ribeiro, 1996, pag. 54).

Em suma, tais resultados referentes ao conteúdo semântico contido na preposição *em* podem ser observados em todas as pesquisas que investigaram a relação dessa variável linguística com o fenômeno de variação da regência do verbo de movimento *ir*, no Português Brasileiro e, além disso, ratificam o que Cunha & Cintra (1985, pag. 557) discutiram ao atribuir à preposição *em* também o valor de “posição no interior de” e “dentro dos limites de.”

7.3.3 Faixa Etária

A variável social *Faixa etária* também foi investigada nos diferentes estudos sobre a variação entre as preposições *a*, *para* e *em*, realizados no Brasil. Entretanto, comparamos os nossos resultados apenas com os resultados encontrados por Mollica (1996), uma vez que a análise foi mais semelhante à análise desenvolvida em nossa pesquisa.

De um modo geral, ao compararmos os resultados encontrados em nosso estudo com os apresentados por Mollica (1996), observamos que os resultados obtidos pela autora mostraram que o uso das formas consideradas padrão correlaciona-se diretamente com a idade do falante. Porém, em nosso estudo constatamos que os resultados encontrados para a variável social *Faixa etária* apresentou um comportamento diferente do que esperávamos em relação à hierarquia dos fatores investigado. Os indivíduos entre 15-25 anos apresentaram baixa frequência de uso da preposição *em*, quando comparado às outras faixas etárias, o que pode ser melhor entendido quando associamos tal resultado à variável social *Escolaridade*, tendo em vista que a escola desempenha um importante papel em relação ao ensino da norma-padrão.

Quando comparamos os resultados desta pesquisa com os resultados encontrados por Mollica (1996), o que chama mais atenção são os resultados encontrados para as faixas etárias 07 a 14 anos e 50 anos ou mais. Entre os indivíduos mais jovens, de 07 a 14 anos, a autora observou que, diferentemente do que constatamos em nosso estudo, na qual os falantes entre 07-14 anos utilizam a forma não-padrão com maior frequência em relação aos indivíduos entre 15-25 anos, nas crianças “existe uma tendência a usar ligeiramente mais as formas padrão do que os jovens de 15-25 anos.” (Mollica, 1996, pag. 289).

Além disso, ao observamos os resultados encontrados em nosso estudo para os informantes que possuem 50 anos ou mais e comparamos com os resultados encontrados por Mollica (1996), verificamos que, assim como foi discutido em relação aos falantes dessa faixa etária

moradores da cidade de Vitória, Mollica (1996, pag. 291) também constatou que “após os 50 anos de idade, tanto homens quanto mulheres tenderam a adotar mais as formas socialmente prestigiadas, em detrimento daquela estigmatizada.

7.3.4 Escolaridade

A variável social *Escolaridade* se mostrou relevante para o fenômeno de variação entre as preposições *a*, *para* e *em* nos diferentes estudos sobre esse fenômeno realizados no Brasil. Assim como os resultados encontrados neste estudo, em que a preposição *em* teve sua frequência de uso diminuída ao passo que os falantes se tornavam mais escolarizados, os resultados encontrados por Mollica (1996) também indicaram que “a escolarização desempenha papel social preponderante sobre a seleção das duas variantes padrão (*a* e *para*), em detrimento da variante não-padrão (*em*)”. Mollica (1996, pag. 285).

Seguindo a mesma tendência, os resultados discutidos por Vallo (2003) e Wiedemer (2008) corroboram com o que foi apresentado e discutido em nosso estudo e no estudo realizado por Mollica (1996). Os autores também constataram que a seleção da variante regente do verbo de movimento *em* mudava de acordo com o nível de escolaridade dos falantes. Para Vallo (2003, pag. 76) “na fala da comunidade pessoense a influência da escola acaba sendo preponderante na modificação do comportamento linguístico dos informantes;” da mesma maneira que Wiedemer (2008, pag. 106) constatou que “a preposição *em* tende a aparecer entre os menos escolarizados.”

Os resultados encontrados e discutidos nos diferentes estudos sobre o fenômeno de variação na regência do verbo de movimento *ir* para a variável social *Escolaridade* comprovam o que foi proposto por Labov (2008 [1972]), no qual o autor observou que os falantes mais escolarizados utilizam a forma padrão com maior frequência, ao passo que os menos escolarizados dão preferência a formas não-padrão.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa vimos que o fenômeno de variação na regência do verbo de movimento *ir* também está presente na comunidade de fala de Vitória/ES. Constatamos que a prática linguística, seja individual ou coletiva, está sujeita à regras que atuam diretamente no processo linguístico. Porém, as escolhas do falante, neste caso entre as preposições *a*, *para* ou *em* como regentes do verbo de movimento *ir*, resultam não apenas de um conhecimento abstrato de uma determinada norma, mas também da sua inserção na sociedade.

Neste trabalho nos preocupamos em investigar a variação linguística entre as preposições *a*, *para* e *em* como regentes do verbo de movimento *ir*, nas 46 entrevistas realizadas com falantes da cidade de Vitória, localizada no Espírito Santo, que compõem a amostra PortVix. Procuramos evidenciar este fenômeno baseando-se nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, a fim de identificar o comportamento linguístico das variantes *a*, *para* e *em* na comunidade capixaba. Para realizar este trabalho, consideramos as variáveis linguísticas: Grau de Definitude, Configuração do Espaço, Finalidade do Discurso, Narratividade do Discurso e Permanência, enquanto as variáveis sociais controladas foram: Sexo/gênero, Faixa etária e Escolaridade.

Os resultados nos mostraram que a preposição *para* obteve a maior frequência de uso nas entrevistas analisadas, com 50% dos dados, enquanto a preposição *em* obteve frequência de 42.2%, o que também demonstra um comportamento interessante em relação ao uso desta preposição, visto que é tida pelas gramáticas normativas como a forma não-padrão. Já a preposição *a*, recomendada pelas gramáticas normativas como regente do verbo de movimento *ir*, obteve frequência de apenas 7.8% em toda a amostra, o que indica que esta preposição está sendo usada cada vez menos pelos moradores desta comunidade.

Constatamos também que a preposição *para*, quando utilizada com o traço [+ permanência], prevaleceu em 100% dos dados obtidos, o que nos mostra que a regra de que a preposição *para* deva acompanhar o verbo de movimento *ir* em contextos que apresentem ideia de maior permanência, prescrita em muitas gramáticas normativas, continua muito viva na fala dos moradores da comunidade capixaba.

Para analisar estatisticamente os dados obtidos nas entrevistas, utilizamos o programa estatístico GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e interpretamos os resultados apresentados, a fim de verificar quais variáveis independentes atuam como mais relevantes na variação do fenômeno aqui investigado. Vale salientar que neste estudo fizemos

duas rodadas diferentes, uma rodada entre as preposições *em* versus *para* e outra rodada entre a preposição não-padrão *em* versus as preposições padrões *a/para*.

Na rodada entre as preposições *em* versus *para*, foram selecionadas como estatisticamente relevantes as variáveis linguísticas: Grau de Definitude, Configuração do Espaço e Narratividade do Discurso e apenas duas variáveis sociais: Faixa etária e Escolaridade.

Em relação às variáveis linguísticas selecionadas, constatamos que a variável Configuração do Espaço confirmou nossa hipótese inicial, visto que a preposição *em*, assim como nas pesquisas realizadas anteriormente com este mesmo fenômeno, foi favorecida em locativos com o traço [+ fechado], enquanto o uso da preposição *para* foi favorecido em locativos com o traço [- fechado]. Diferentemente dos resultados apresentados para a variável Narratividade do Discurso que não ratificam nossa hipótese inicial, visto que a preposição *em* ocorreu com maior frequência em contextos mais narrativos, diferentemente do que esperávamos.

Já os resultados apresentados para a variável Grau de Definitude confirmaram, em parte, a nossa hipótese inicial. Os resultados mostraram que os locativos tidos como de “maior conhecimento do falante e/ou ouvinte” favorecem o uso da preposição *em*, enquanto os locativos mais “vagos” inibem seu uso. Porém, nesta variável linguística, o fator [- det/-def] foi o único que apresentou um comportamento diferente do que esperávamos em relação à hierarquia dos fatores, tendo em vista que tal fator apresentou peso relativo 0.8 para o uso da preposição *em*. Para tal comportamento, entendemos que a grande quantidade de dados com o sintagma nominal “lugar” tenha influenciado esse resultado.

Em relação à variável Faixa etária, nossa hipótese era a de que os informantes mais jovens utilizariam a preposição *em* com maior frequência, enquanto os informantes mais velhos utilizariam a preposição *para*. Os resultados obtidos para esta variável social apontaram um comportamento parcialmente diferente do que esperávamos, visto que as faixas etárias 26-49 e 07-14 anos favoreceram o uso da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*, enquanto as faixas etárias 50 ou + e 15-25 anos inibiram o uso desta preposição. Entendemos que, neste caso, a baixa frequência de uso da preposição *em* entre os indivíduos de 15 a 25 anos pode ser justificada se considerarmos o seu grau de escolaridade, pois é nesta faixa etária que, geralmente, eles estudam o conteúdo de regência dos verbos, considerando que tal conteúdo é ministrado no último ano do Ensino Fundamental II e último ano do Ensino Médio. Neste caso o contato com a norma pode estar influenciando o uso da forma padrão como regente do verbo *ir* com sentido de movimento. Enquanto os resultados encontrados

entre os indivíduos de 26 a 49 anos, inseridos, em sua maioria, no mercado de trabalho, nos levam a pensar que talvez a preposição *em* não sofra tanto estigma pela sociedade, comparada a outras formas como, por exemplo, ausência de concordância.

Por fim, os resultados obtidos para a variável Escolaridade confirmaram nossa hipótese inicial de que a preposição *em* seria mais utilizada por informantes menos escolarizados, por se tratar da forma considerada não-padrão pelas gramáticas normativas em relação à regência do verbo *ir* com sentido de movimento. Constatamos que conforme os indivíduos aumentavam seu grau de escolaridade, o uso da preposição *em* diminuía, o que comprova a influência da escola no ensino da Língua Portuguesa e seu papel em relação ao uso da norma-padrão.

Já na rodada entre a preposição *em* versus as preposições *a/para*, foram selecionadas apenas duas variáveis e ambas são sociais: Escolaridade e Faixa etária. A variável Faixa etária novamente apresentou um comportamento parcialmente diferente do que esperávamos, pois novamente as faixas etárias 26-49 e 07-14 anos favoreceram a escolha da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*, enquanto as faixas etárias 50 ou + e 15-25 anos inibiram seu uso. Novamente esse comportamento foi interpretado seguindo o que foi discutido em relação à influência da escola nos indivíduos entre 15 e 25 anos, enquanto os resultados para os indivíduos entre 26 e 49 anos, já inseridos, em sua maioria, no mercado de trabalho, ratificaram a ideia de que a preposição *em* não seja uma forma que sofra tanto estigma social, tendo em vista o seu comportamento entre os falantes dessa comunidade.

Também realizamos diferentes cruzamentos entre as variáveis sociais a fim de verificar mais profundamente o comportamento das variantes *a*, *para* e *em* como regentes do verbo de movimento *ir* na comunidade de fala capixaba. Do procedimento de cruzamento entre as variáveis sociais faixa etária e escolaridade, na rodada *em* versus *para*, concluímos que os indivíduos mais novos, entre 07 e 14 anos, e com o menor grau de escolaridade, que possuem apenas o Ensino Fundamental, utilizam com maior frequência a preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir*; enquanto os indivíduos mais velhos, que possuem 50 anos ou mais, e mais escolarizados, com nível Superior, preferem a preposição *para* como regente deste mesmo verbo. Com isso entendemos que o uso da preposição *em* como regente do verbo de movimento *ir* sofre influência tanto pela faixa etária, quanto pelo grau de escolaridade, ao passo que quanto mais velho e mais escolarizado é o indivíduo, menor é a frequência de uso dessa preposição como regente do verbo de movimento *ir*.

Já na rodada entre a forma não-padrão *em* versus as formas consideradas padrão pela tradição gramatical *a/para*, realizamos um cruzamento entre as variáveis sexo/gênero e escolaridade, a fim de verificar se a combinação destes grupos de fatores influenciava na escolha da forma padrão, ou não padrão, como regente do verbo de movimento *ir*. Para este cruzamento, o sexo/gênero feminino apresentou um comportamento totalmente diferente comparado ao sexo/gênero masculino em relação ao uso da preposição *em*. Enquanto o comportamento do sexo/gênero masculino quase não sofreu alteração em relação ao uso da forma não-padrão quando estes indivíduos aumentavam seu grau de escolaridade, o sexo/gênero feminino teve seu comportamento completamente influenciado pelo nível de escolaridade tendo em vista que, ao passo que tais indivíduos se tornavam mais escolarizados, menor era a frequência de uso da forma não-padrão *em*.

Também realizamos um cruzamento entre as variáveis sociais escolaridade e faixa etária para a forma não-padrão *em* versus a forma padrão *a/para*. Em síntese, também constatamos que os indivíduos mais novos e menos escolarizados utilizam a preposição *em* com maior frequência, comparado aos indivíduos mais velhos e com maior nível de escolaridade. Com isso, comprovamos a hipótese clássica discutida por Labov (2008[1972]) para a variável escolaridade, em que o autor afirma que o uso da variante considerada padrão tende a estar relacionado diretamente ao grau de escolaridade do informante.

Nosso trabalho foi realizado a fim de traçar um panorama linguístico sobre a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* como regentes do verbo de movimento *ir* na fala da comunidade capixaba, visto que este é um fenômeno muito presente no português brasileiro. Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir com os estudos sobre a regência do verbo de movimento *ir* e com os estudos desenvolvidos na área da Sociolinguística Variacionista, mostrando que a variação linguística é um reflexo dos contextos linguísticos e sociais em que está inserida.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, Ataliba T. De. **Nova Gramática do português brasileiro**. – 1. Ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.

CITELI, Bárbara Gomes. **A regência do verbo de movimento *ir* por estudantes capixabas: A relação entre as variantes utilizadas em duas comunidades distintas**. Espírito Santo, UFES, 2014. Trabalho de Conclusão de curso.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. 33ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008

GADET, F. (1992) **Variation et hétérogénéité**. In: GADET, F. (org). *Hétérogénéité et variation: Labov, un bilan*. Langages, 108:05-15.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. **Where does the sociolinguistic variable stop? A responde to Beatriz Lavandera**. Working Papers in Sociolinguistics 44, Austin: Southwest Education Development Laboratory. 1978

LAVANDERA, B.R. (1984) **Variación y significado**. Buenos Aires, Hachette (1. Los limites de la variable sociolinguística, pp.37-46.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso na história da lingüística moderna**. São Paulo: Parábola, 2004a.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência verbal**. – 9. Ed. –São Paulo: Ática, 2010

MOLLICA, M. C. de M. A regência variável do verbo ir de movimento. In: SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P. (org.) **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 149-167. (Capítulo 6) _____ Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo ir de movimento. In: SILVA, Gisele M. O. & SCHERRE, Maria Marta P. (org.) **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 285-293. (Capítulo 12)

MOLLICA, Maria C. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: _____; BRAGA, Maria L. **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PAREDES DA SILVA, V. L. **A abordagem laboviana. Mesa redonda: os estudos de variação no Brasil: situação atual**. Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL. Goiânia, 1993.

RIBEIRO, A. J. C. R. **Um caso de uso variável de preposições na chamada fala culta carioca: a regência do verbo Ir de predicação incompleta**. Dissertação de Mestrado. UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X - a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

VALLO, M. A. G. do. **A regência variável do verbo ir de movimento na fala pessoense.** Dissertação de Mestrado. UFPB, João Pessoa, 2003.

VOTRE, J. S. **Relevância da variável escolaridade.** In: _____; BRAGA, Maria L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

YACOVENCO, L. C.; SCHERRE, M. M. P.; TESCH, L. M.; BRAGANÇA, M. L. L.; EVANGELISTA, E. M.; MENDONÇA, A. K. de.; CALMON, E. N.; CAMPOS JÚNIOR, H. da S.; BARBOSA, A. F.; BASÍLIO, J. O. S.; DECOCLÉCIO, C. E.; SILVA, J. B. da.; BEBERT, A. T. F.; BENFICA, S. de. A. **Projeto Portvix: A fala de Vitória/ES em cena.** Alfa, v. 56, 2012, p.771-806.

WIEDEMER, Marcos Luiz. **A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina.** Dissertação de mestrado. Florianópolis, 2008.

WEINER, J. & LABOV, W. **Constraints on the agentless passive.** In: Journal of Linguistics 19, [1977], 1983.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006.